

**Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus
&
Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus**

- Relatório Final -

São Paulo
Dezembro de 2013

Realização



Promoção



Este relatório apresenta as atividades realizadas no **Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus** e no **Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus** em São Paulo. Estas ações foram viabilizadas com o especial apoio da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, por meio de sua UPPM – Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico, tendo a Pinacoteca do Estado como órgão gestor associado. Tais iniciativas compuseram o programa continuado de apoio do governo do Estado de São Paulo ao ICOM Brasil no âmbito da 23ª Conferência Geral do ICOM – Conselho Internacional de Museus, realizada no Brasil, em 2013.

Além dos presidentes dos Comitês Nacionais do ICOM de países africanos e latino-americanos presentes à Conferência, também os bolsistas selecionados pelo ICOM provenientes dessas regiões foram convidados a vir a São Paulo no período pós-Conferência para participar do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus, que objetivou levantar os pontos-chave de cooperação futura que poderá ser desenvolvida entre esses países e o Brasil. Em ação complementar ao Encontro, foi organizado um programa de estágio de três dias em museus do Estado de São Paulo, que atingiu resultados surpreendentes e enunciou a necessidade de que o mesmo seja multiplicado em próximos encontros museológicos.

Por meio deste relatório, pretendemos ampliar o acesso aos conteúdos e aos resultados das ações desenvolvidas para outros membros da comunidade dos museus, com o intuito de estimular novas iniciativas correlatas.

Agradecemos à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, à UPPM, à Pinacoteca do Estado, à Universidade de São Paulo, ao Fórum Permanente de Museus e a toda a equipe que se empenhou para viabilizar o Diálogo Sul-Sul de Museus. Também agradecemos aos gestores e aos profissionais dos museus que receberam os bolsistas para a realização dos estágios, assim como a todos que participaram das atividades que deram sentido às ações promovidas pelo ICOM Brasil.

Maria Ignez Mantovani Franco
Presidente do ICOM Brasil

Sumário

Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus

Apresentação	05
Visita Técnica ao Museu Afro Brasil	06
Programação do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus	07
Primeira Reunião	08
Planos de Emergência	10
Educação – Painel 1	14
Educação – Painel 2	22
Projetos Expositivos - Novas Tecnologias	29
Ações para o “AFRI-LAC”	38
Redação de Documento Final e Encerramento	41
Conclusão	42
Comentários dos Participantes sobre o Diálogo Sul-Sul	43

Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus

Apresentação	46
Programa de Estágios	46
Comentários sobre os Museus	50
Comentários sobre os Profissionais dos Museus	52
Comentários sobre a oportunidade de participar de Estágio em um Museu Brasileiro	53
Relato de uma Tutora de Estágio	57
Apresentação dos Bolsistas após o Estágio	58
Anexo 1: Lista de Países Participantes do Diálogo Sul-Sul	62
Anexo 2: Lista de Participantes e Equipe Organizadora do ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus	63
Anexo 3: Cláusulas Propostas pelo Grupo de Educação	66
Ficha Técnica do Relatório Final	67

Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus

18, 19 e 20 de agosto de 2013

Auditório da Pinacoteca do Estado

Apresentação

Promovido pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e pela Universidade de São Paulo, a proposta deste evento nasceu de discussões entre presidentes de Comitês Nacionais do ICOM (Conselho Internacional de Museus) de países da África, América Latina e Caribe, durante as reuniões em junho de 2012, na sede da UNESCO em Paris. Aproveitando da conveniência da presença de representantes destas regiões durante o ICOM Rio 2013 no Brasil e da necessidade de aprofundamento das relações entre as comunidades profissionais de museus brasileiros em São Paulo e destas regiões, procuramos por problemas em comum e circunstâncias similares que poderiam se beneficiar desta troca de experiências e melhores práticas e construímos uma agenda que se tornou o ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus.

O Encontro ocorreu nos dias 18, 19 e 20 de agosto de 2013, na semana após a 23ª Conferência Geral do ICOM no Rio de Janeiro, no auditório da Pinacoteca do Estado de São Paulo. O Diálogo objetivou oferecer oportunidades de *networking*, disseminação de informações, criação de laços profissionais e cooperação entre os participantes.

Mais de cem participantes foram convidados, representando as seguintes organizações:

- Conselho Internacional de Museus (Presidente, Vice-Presidente e diretoria)
- Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus
- Memory of the World/UNESCO
- Presidentes de Comitês Nacionais do ICOM da América Latina e África
- Presidentes das Alianças Regionais (ICOMLAC e ASPAC)
- Presidente do AFRICOM
- Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo (Secretário de Cultura, UPPM e Pinacoteca do Estado de São Paulo)

- Representantes de Sistemas Estaduais de Museus Brasileiros (SP, RJ, MG, ES, BA, PA, GO, CE, SC, RS, DF, PR e SE)
- Instituto de Estudos Avançados da USP
- Bolsistas/Estagiários do Programa do ICOM de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus em São Paulo
- Representantes de 33 países (ver listagens nos anexos 1 e 2)

Protagonizar esta iniciativa esteve sempre intimamente relacionado ao papel que o ICOM Brasil desenvolve nas questões ligadas ao estudo e preservação do patrimônio cultural, tangível e intangível, passado e presente.

Como parte do compromisso do Comitê Brasileiro do ICOM com a organização como um todo da 23ª Conferência Internacional do ICOM, foram financiadas sessenta (60) das cento e vinte e nove (129) bolsas previstas, incluindo agraciados representantes dos 110 comitês nacionais do ICOM, de seus 31 comitês internacionais (temáticos) e jovens profissionais de museus membros do ICOM.

No tocante ao financiamento do programa de bolsas para jovens profissionais (com até 35 anos completos e empregados em museus ou instituições afins) contamos com o apoio da Fundação Getty, da Fundação ICOM, do próprio ICOM, da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, da Vice-Reitoria Executiva de Relações Internacionais da USP, das Secretarias Estaduais de Cultura de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foram 18 os bolsistas que realizaram seus estágios em museus do Estado de São Paulo após sua participação no Diálogo Sul-Sul de museus.

Visita Técnica ao Museu Afro Brasil

A primeira atividade realizada em 18 de agosto foi a visita técnica ao Museu Afro Brasil, no Paque do Ibirapuera, logo após a chegada do grupo a São Paulo. Recebidos pela equipe do Museu, os participantes tiveram oportunidade de conhecer as exposições e os projetos lá desenvolvidos.

Segundo o bolsista da Argélia, Hakim Bouakkache, o Museu Afro Brasil foi visitado logo após a chegada a São Paulo e é um exemplo de fusão entre origem, cultura e modernidade:

“Après la clôture de la 23eme conférence générale de l’ICOM, les boursiers, dont je faisais partie, ont prit la route vers Sao Paulo, le 18/08 /2013. A l’arrivée on avait visité Museu Afro Brasil - São Paulo, un musée qui montre les origines africaines des brésiliens (cultures, religion et autres), les longues

périodes d’esclavages. C’est aussi un musée qui contient des surfaces pour l’art moderne, a l’intérieur du musée on peut passer d’une aire a l’autre, ce circuit montre qu’on ne peut séparer les trois contextes ; origine, culture et modernité.” Hakim Bouakkache, Argélia

A convidada argentina, Monica Gorgas, destaca a visita como um dos pontos altos das atividades realizadas e faz uma leitura das exposições como discursos que se opõem ao oficial:

“En el caso del museo Afro Brasil desde su entorno exterior siendo el resultado de más de dos décadas de investigaciones y en donde el rico patrimonio de los afrodescendientes es indudablemente un espejo en donde esta población largamente marginalizada puede ver reflejada la riqueza de su cultura.

(...) En el museo Afro Brasil es muy interesante la forma en que se percibe la estrecha relación en que África pervivió en la memoria de los que alguna vez llegaron esclavizados. Se destaca como el museo de alguna manera se opone a un discurso oficial que ha sido proclive a la marginalización y por último destacar la exhibición temporaria como una muestra que los oficios de los afro donde los afrodescendientes no fueron siempre instruidos sino que traían conocimientos ancestrales que supieron aplicar con creatividad e ingenio.”

Informe presentado por la Conservadora de Museos Mónica Risnicoff de Gorgas, Directora del Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers

Programação do Encontro ICOM Diálogo Sul Sul de Museus

As propostas temáticas abordaram três temas gerais, de comum interesse entre a América Latina (ICOM LAC), África (AFRICOM) e o Caribe sendo eles:

1. Planos de Emergência
2. Educação
3. Projetos Expositivos

A dinâmica adotada para o Diálogo visou estimular discussões em plenárias e a produção de um documento final, com análises e recomendações para museus e órgãos responsáveis dessas regiões.

Segue breve relato sobre os temas abordados e o que foi apresentado e discutido dentro dos painéis. Os resumos seguem o conteúdo apresentado pelos relatores.

Primeira Reunião

Mediador: Carlos Roberto F. Brandão (Presidente do Comitê Organizador da 23a Conferência do Conselho Internacional de Museus, membro correspondente do MoW-IAC)

Relatora: Rudo Sithole (AFRICOM)

Apresentações:

- SEC SP (Marcelo Araújo, *Secretário de Cultura do Estado de SP*)
- ICOM (Hans-Martin Hinz, *Presidente 2013-2016*; Hanna Pennock, *Diretora Geral Interina*)
- ICOM Brasil (Maria Ignez Mantovani Franco, *Presidente*)

A primeira reunião tratou da apresentação do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus aos participantes e o plano de discussão de problemas ou circunstâncias comuns e similares aos museus da África, América Latina e Caribe, cujas soluções podem ter origem nestas próprias regiões. Foi manifestado o intuito de aprofundar as relações entre as comunidades de profissionais de museus brasileiros de São Paulo com os colegas destas regiões.

Foi mencionada a reunião de novembro de 2012, com a presença de ICOM LAC, AFRICOM, MoW e ICOM Brasil, quando foram eleitos como temas principais:

1. Modelos de gestão de museus, intercâmbio de experiências e a busca de soluções frente aos ambientes e circunstâncias similares na África, América Latina e Caribe,
2. Preparação para emergência (uma das principais áreas de preocupação do ICOM) com referência específica a desastres naturais e aqueles causados ou promovidos pela atividade humana, com a finalidade de elaborar recomendações específicas sobre como preparar museus e profissionais destas regiões para confrontar emergências, o que dará lugar à redação de uma proposta de capacitação para profissionais de museus da África, América Latina e Caribe de preparação para emergências comuns e previsíveis;
3. Resgatar as conexões significativas entre África e a diáspora africana na América Latina e no Caribe e sua herança;
4. Investigar como museus na África, Brasil, América Latina e no Caribe podem envolver as comunidades locais no processo de desenho e desenvolvimento de exposições, com a finalidade de assegurar que os objetos e narrativas sejam adequados e relevantes a estas comunidades.

Foi explicada a dinâmica da reunião bem como o objetivo de produção de um documento final com análises e recomendações para museus e órgãos responsáveis de museus. Ocorreu a explicação sobre as visitas técnicas a museus de São Paulo, um dos aspectos mais relevantes do evento, trazendo a oportunidade para a criação de redes e a criação e/ou fortalecimento de vínculos profissionais entre os participantes.



Material impresso para credenciamento e participação no Evento.



Mesa composta por Marcelo Araújo e Hans-Martin Hinz, mediada por Carlos Roberto F. Brandão.



Plenária do Evento.

Planos de Emergência

Mediadora: Beatriz Espinoza (ICOM Chile)

Relator: George Abungu (ICOM)

Apresentações:

- Plano de Emergência para Museus (Rosaria Ono, *FAU USP*)
- Escudo Azul no Brasil (Alessandra Labate Rosso, *Escudo Azul*)

Coordenadora da Plenária: Maria Ignez Mantovani Franco (ICOM Brasil)

A primeira apresentação foi da colega Rosaria Ono, especializada em segurança em museus. Ela apresentou como exemplos alguns casos concretos de museus com situações de risco à segurança e seguiu para a apresentação de medidas mínimas que devem ser tomadas. Seu foco principal foi a necessidade de elaboração de planos específicos de emergência para cada instituição, dando atenção especial ao acervo, áreas de pesquisa, tipos de exposição e conformações estruturais do prédio onde o museu é localizado.

Em um segundo momento, Alessandra Labate Rosso apresentou o Escudo Azul Paulista, um ramo do Escudo Azul Brasil. Foi apresentada a estrutura da organização e histórico de formação, por ocasião da queda de um balão no teto do

Centro Cultural São Paulo. Alessandra explicou sobre a necessidade de ter voluntários de prontidão para agir em conjunto com as autoridades públicas, visando à salvaguarda das obras.

Ambas ressaltaram que não são casos apenas de incêndios e desastres naturais que devem ser enfocados, mas também vandalismo, possibilidades de furto e invasão da instituição, dado o quadro recente de manifestações ao redor do Brasil.

Uma vez aberta a plenária, as principais manifestações foram de espanto com a pergunta feita por Ono sobre quantos dali tinham planos de emergência em suas instituições. A baixa adesão à resposta positiva foi notada por todos. Diversos pontos foram levantados sobre o porquê de isto acontecer sendo a falta de incentivo financeiro a principal delas.

A troca de *expertise* foi altamente recomendada pelos profissionais presentes, ressaltando a necessidade de ater-se a problemas locais que afetam o hemisfério sul mais do que a Europa, como infestações e inundações por exemplo. Em resumo, foi dito que devemos compartilhar procedimentos de treinamento para situações de emergência e adaptar ou criar um manual para, em seguida, capacitar formadores para apoiar as questões práticas.

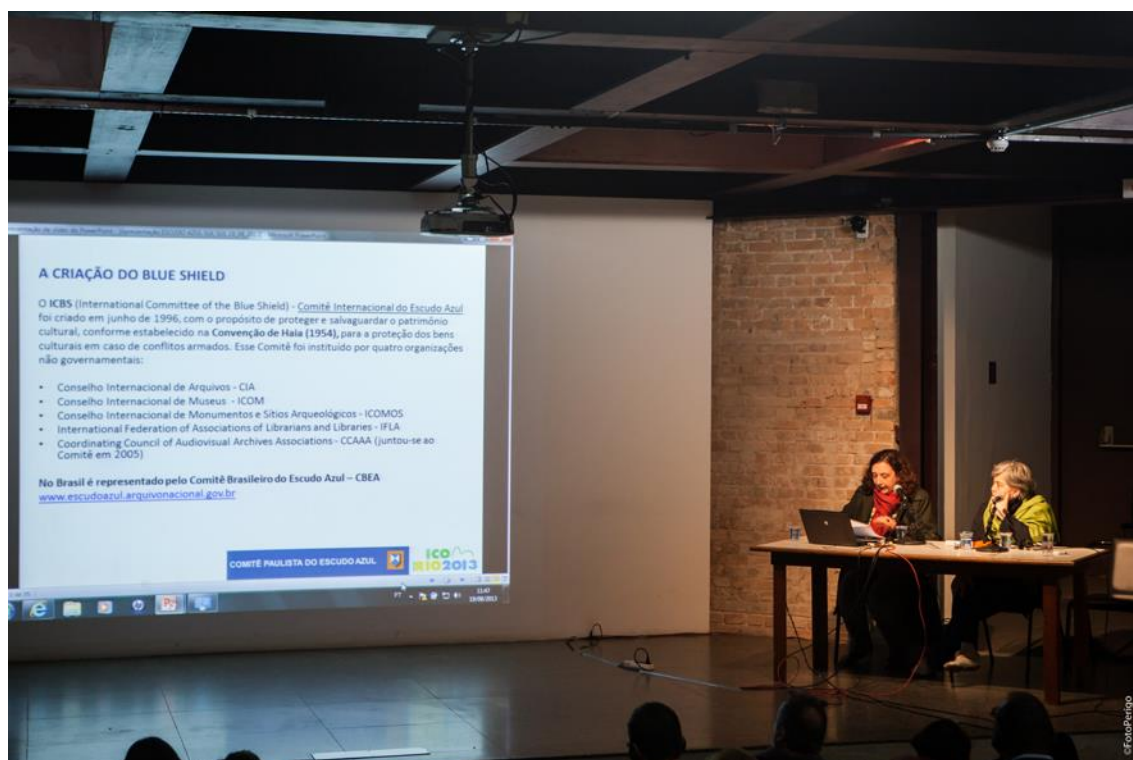
A diretora-geral interina do ICOM, Hanna Pennock, ressaltou que o comitê de segurança ICMS possui já alguns manuais sobre o tema traduzidos nas línguas de trabalho do ICOM e que estão todos distribuídos entre o *site* da própria instituição e do comitê; nestes manuais há recomendações práticas, propostas, *checklists* e definições de termos comumente utilizados. Após esta fala, muitos dos presentes enfatizaram a necessidade de reunir em uma única plataforma todos os documentos que existem dentro do ICOM sobre segurança em todas as línguas, já que nem todos os países acessam os atuais guias do ICMS de maneira equânime. Foi aventada a possibilidade de trazê-los todos juntos na plataforma do ICommunity com um *link* para a Task Force recém-lançada na 23ª Conferência e para o Blue Shield.

Um lugar também deverá então existir a fim de recolher o *feedback* das instituições a fim de atualizar e melhorar os manuais. Outro ponto bastante frisado é que estes manuais de segurança devem conter mais preocupações do eixo Afri-LAC.

Por fim, foi salientado que cada país deve incentivar seus membros à formação de um comitê Blue Shield nacional.



“Plano de Emergência para Museus” apresentado por Rosaria Ono.



“Escudo Azul no Brasil” apresentado por Alessandra Labate Rosso.



Mesa mediada por Beatriz Espinoza e plenária coordenada por Maria Ignez Mantovani Franco.



Participação de membros da plenária.

Educação – Painel 1

Mediadora: Joana Monteiro (ICOM Portugal)

Relatora: Lauran Bonilla-Mercayy (ICOM Costa Rica)

Apresentações:

- Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca do Estado (Gabriela Aidar)
- Ação junto a pacientes de hospitais pelo Museu da Língua Portuguesa (Marina Toledo)

Coordenadora da Plenária: Adriana Mortara Almeida (ICOM Brasil)

Gabriela Aidar começou apresentando o Programa de Inclusão Sociocultural do Núcleo de Ação Educativa da Pinacoteca do Estado de São Paulo, onde foi realizado o Diálogo Sul-Sul. Ela começou apresentando a história da Pinacoteca e localizando-a na geografia da cidade e dentro dos contrastes típicos do Brasil, com seu entorno cheio de aparelhos culturais e também com comunidades de baixa-renda. Esta localização foi realizada para mostrar a necessidade de inserção dos museus em suas localidades de forma proativa e não apenas reativa, agindo como um promotor de educação e inclusão sociocultural. Apresentou em seguida o serviço educativo da instituição, a Educateca, e suas ações desenvolvidas visando a estudantes, público em geral, professores, idosos, portadores de deficiência (tanto visual quanto locomotiva), exposições temporárias e acesso à coleção permanente.

Foi delimitado pela palestrante o conceito de acessibilidade que é utilizado pela Educateca - um conceito não ligado apenas à inclusão, mas à educação como um todo. A acessibilidade não deve ser apenas física, mas também cognitiva, o que significa que além de preocupações com a circulação, entrada e acesso aos espaços, os museus devem preocupar-se com o acesso emocional dos visitantes, quer dizer, com a relação intangível do visitante com o museu, com a forma pela qual ele absorve e entende o conteúdo que está sendo apresentado, como se sente confortável dentro daquele ambiente e bem-vindo em suas salas expositivas e demais espaços.

Em uma pesquisa sobre a atitude brasileira frente à cultura descobriu-se que 68% da população nunca visitou um centro cultural ou um museu; 71% disseram que os altos preços são um obstáculo à sua ida aos aparelhos culturais e 56% disseram que não frequentam centros culturais porque sentem que não pertencem àquele espaço. Os museus devem ativamente quebrar as barreiras a fim de incluir estas pessoas que se

sentem marginalizadas. Neste sentido, a Pinacoteca possui um programa chamado PISC, que pretende garantir acesso ao patrimônio cultural para a população vulnerável (vulnerabilidade social é uma expressão ampla, usada com frequência no Brasil, que abrange os grupos que estão em alto risco de ter o seu direito violado. Muitas vezes pensamos que estas populações vulneráveis são de baixa renda, mas o conceito é um pouco mais amplo, são todos os tipos de problemas: etnia, classe social, etc.), especialmente àqueles que são vizinhos ao museu (moradores de rua, ou aqueles que vivem em edifícios vazios, dependentes químicos e jovens que não estão ligados ao sistema de educação formal).

Gabriela explicou que o PISC estabelece parcerias com organizações sociais para desenvolver atividades com os grupos vulneráveis: programas para educadores sociais, visando a promover a ideia de que eles liguem o seu trabalho com os museus, não apenas à Pinacoteca, onde 25 educadores são convidados a descrever o que fazem e onde recebem o material para educadores sociais chamado "Arte+"; programa extramuros, iniciado em 2008, em parceria com duas casas próximas à Pinacoteca, com oficinas, que mudam de mídia a cada dois meses e se reúnem uma vez por semana (neste programa o que é mais interessante não é o material produzido, mas sim a experiência); e visitas educacionais realizadas no museu, como um grupo de moradores de rua que visita a Pinacoteca mensalmente, e fora do museu, como outro projeto onde foram impressas grandes imagens em placas instaladas fora do museu, abrindo o diálogo dentro e fora da Pinacoteca. Outro programa trata de preparar jovens para organizar visitas com outros jovens, criando um sentimento de apropriação do museu e de seu acervo.

Por fim, Gabriela explicou o programa “Comunidade e Museu”, iniciado em janeiro de 2013. O Diálogo Sul-Sul era um momento oportuno para falar do projeto, porque ele nasceu como uma colaboração com o Museu de Antioquia, em Medellín, Colômbia, com base nos projetos comunitários que estão sendo realizados lá. O projeto trabalha com duas organizações de São Paulo distantes do museu: na ONG Líder City, um centro de juventude em um bairro no leste de São Paulo, é pedido aos participantes que levem objetos significativos e um espelho, a fim de olhar para si mesmos a partir de uma perspectiva diferente. A outra é um grupo de índios guaranis, no qual um grupo trabalha com as crianças e o outro com as mulheres. As crianças brincam com jogos tradicionais e experimentam algo que eles conhecem bem. Com as mulheres, é um projeto de culinária: elas citam uma receita que querem fazer, o

museu compra os ingredientes e, em seguida, a receita é escrita em guarani e em português.

A seguir, Marina Toledo apresentou o projeto DENGGO, uma ação do Museu da Língua Portuguesa com pacientes em hospitais. “Dengo” é uma palavra africana que fala de bondade, doçura, e reflete a pretensão do projeto que é realizado em hospitais. O Projeto lida com o idioma português e a cultura brasileira, a identidade de nossos povos e sua diversidade: diferentes sotaques, diferenças culturais dentro do país, e também inclui os outros países de língua portuguesa.

O DENGGO lida com bens materiais e imateriais, de modo que a tecnologia é uma importante ferramenta e uma linguagem própria. Desde 2007, a equipe educativa do Museu da Língua Portuguesa pensou que seria interessante deixar o museu e trabalhar com comunidades que são incapazes de chegar a ele. Assim, optou-se por trabalhar com os hospitais e as crianças que não podem sair de lá. Foram criados terminais de computador com palavras cruzadas que vêm de diferentes origens (línguas africanas, francesas, etc.). O desafio era levar a coleção para uma sala de quimioterapia, nos hospitais onde os adolescentes têm de se sentar por um longo tempo pensando sobre sua condição atual. Parte da coleção digitalizada é levada em *laptops* para o hospital, para apresentar aos pacientes questões do idioma português e do Brasil como um todo.

O DENGGO vai para o hospital e tenta criar um momento de curiosidade na criança. “Ciao”, por exemplo, é uma palavra que vem do italiano, na Itália isso poderia significar “Olá” ou “adeus”, mas no Brasil significa só “adeus”. No início, a equipe só trabalhava com o computador, mas muitas vezes repetiam a visita com a mesma criança. Então começaram a desenvolver outros materiais, como jogos e material gráfico, como por exemplo, o “Caldeirão das Culturas”, onde são dados às crianças alimentos de plástico para serem colocados no caldeirão após eles considerarem de onde veio o nome daquele alimento.

Marina notou que era importante ressaltar duas coisas. A primeira é que o Museu da Língua Portuguesa trata de um acervo onde a coleção está na cabeça do visitante, no conhecimento de fundo de cultura que estas crianças atendidas pelo DENGGO têm, portanto existem muitas abordagens para o idioma português. O trabalho é guiado pelo paciente, de forma individual ou em um espaço aberto. A segunda é que o projeto não seria possível sem o apoio da equipe médica e de enfermagem.

Um dos principais desafios do DENGGO é medir qual é o legado dessa experiência a essas pessoas, já que quando se trabalha em hospitais muitas vezes perde-se a noção da localização dessas pessoas quando que elas recebem alta. Assim sendo, a alternativa foi obter o *feedback* dos médicos e enfermeiros.

O Museu pretende ampliar o programa para 2014, atendendo também os idosos.

Durante a plenária, moderada por Adriana Mortara Almeida, do ICOM Brasil, Mariana Pla, representante da Argentina, manifestou um interesse específico sobre a obtenção da opinião dos médicos e das enfermeiras pelo DENGGO, já que muitas vezes os projetos educativos realmente esbarram na questão de como quantificar o sucesso do que está sendo feito. Sobre o exposto por Gabriela Aidar, Mariana disse que o programa da Pinacoteca era um exemplo útil, criativo e inspirador, que incentivava a pensar em como poderíamos chegar a outras sociedades nos nossos países, considerando que muitas vezes existem barreiras que bloqueiam a inclusão de um público mais vasto. Adicionou que é importante atentar para a experiência e emoção que podem ser obtidas e compartilhadas dentro e fora do museu.

A representante da Tanzânia expôs brevemente o programa de sua instituição, que lida com crianças com deficiência, e propôs o compartilhamento, em um segundo momento, de experiências nesta área em particular.

Margaret, educadora da Pinacoteca, perguntou a Marina, do Museu da Língua Portuguesa, como eles conseguiram estabelecer uma conexão com os hospitais para a realização do DENGGO. Marina explicou que após o contato inicial é feita uma visita ao hospital concordante; em seguida, estuda-se a patologia e discute-se com os médicos e enfermeiros que prestam apoio, sobre o espaço, as relações, a saúde e a doença que as crianças estão enfrentando. Também contam com o apoio de psicólogos, que realizam com a equipe várias reuniões ao longo do ano para trabalhar sobre as questões que surgem na aplicação do projeto. Marina leu, em seguida, o depoimento de um educador: “O hospital tem sido muitas vezes considerado um tabu, um lugar para a morte. Depois de trabalhar com o DENGGO, estou liberado desses preconceitos. Agora eu vejo o hospital como um lugar de vida.”.

Mila, coordenadora do educativo da Pinacoteca, levantou o ponto da continuidade dos projetos. Patrocinadores estão interessados em visibilidade e normalmente querem que seus nomes sejam ligados a exposições temporárias, mas os projetos de educação, que muitas vezes levam anos, enfrentam dificuldades em

assegurar o apoio contínuo. Como o financiamento é bastante variável e nunca se sabe quando vai acontecer, ou quando seremos capazes de obter o financiamento para programas específicos, a Pinacoteca trabalha internamente para ajudar a manter os programas de forma sustentável.

Carlos Catalão, de Quito, Equador, questionou Gabriela de como a Educateca conseguia desenvolver o discurso expositivo de forma a tornar a mensagem acessível para os públicos sensíveis. Gabriela respondeu que o discurso da Educateca é desenvolvido em torno do discurso universal estabelecido pelo museu como um todo. Não há um modelo, mas eles tentam estabelecer os caminhos que mais interessam para os visitantes, para assim, os grupos de visitantes ajudarem a construir o programa.

Andréa, da Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro, falou sobre a experiência da cidade na área educacional. Um dos grandes problemas encontrados era relativo à baixa audiência dos museus, devida, principalmente, à dificuldade de transporte. Para reunir um público maior, buscaram estratégias inovadoras, a fim de desenvolver o interesse em organizações culturais e, tentando, ao mesmo tempo, alcançar as oportunidades de financiamento.

Foi perguntado a Gabriela Aida como o programa da Educateca superava as barreiras sociais. Esta respondeu que o educativo estava traçando estratégias para a criação de uma sala de interpretação - a ideia seria criar um espaço para o diálogo aberto aos visitantes, já que partir de experiências isoladas para algo contínuo seria a próxima fronteira. Ressaltou que o museu tem de ter o seu *feedback*, tem de se superar através da contribuição do visitante. Mila complementou, adicionando que esta seria uma construção constante, mantendo uma relação mais frutífera entre o curador e o serviço educativo. Assim, dentro da mesma instituição, existem dois níveis que estamos tentando reunir, duas definições do papel do museu: uma delas é a arte histórica e a outra é mais ampla e trabalha com a construção de uma instituição que é pública e preocupada com a igualdade.

A representante da Nigéria, Elizabeth, agradeceu pelas apresentações e falou um pouco sobre o programa do museu onde trabalha, o Museu Nacional da Nigéria. Lá eles mantêm programas de inclusão para deficientes visuais, auditivos e motores, que incluem a organização de um *workshop* de artesanato e competições em diferentes regiões do país, a fim de trazer o museu para perto das pessoas. A grande questão enfrentada é de financiamento, já que o governo diz que não possui verbas para apoiar estas iniciativas do museu.

Adriana Mortara Almeida adicionou que tanto na Pinacoteca como em outros museus brasileiros também existem muitos outros programas para pessoas com deficiência, que não foram mencionados. São programas importantes para alcançar a inclusão, e o compartilhamento de experiências é uma ótima oportunidade para mostrar que pequenos museus também são capazes de fazer programas interessantes com muito pouco financiamento.

O representante de Moçambique, Daniel, que está fazendo seu mestrado sobre o museu e patrimônio, disse que o acesso cognitivo é importante, tendo em conta que a herança de um museu é complexa. Após notar que há certa semelhança entre Moçambique e o Brasil, sendo a questão da acessibilidade um fenômeno global, Daniel perguntou às apresentadoras como os programas apresentados medem a avaliação cognitiva, levando em consideração que as pessoas atingidas têm diferentes tipos de conhecimento e níveis de educação informal.

Gabriela respondeu que a avaliação do acesso cognitivo em programas de educação é difícil. Algumas das exposições, principalmente as de arte contemporânea, possuem um discurso mais complexo e de difícil mediação. Nem sempre as chaves cognitivas, que criam relação entre o visitante e o museu, são fáceis de serem encontradas, cada pessoa vai se relacionar com a exposição de uma forma diferente. Sendo assim, a dúvida permanece em como avaliar a efetividade do acesso ou de uma atitude. Atualmente a Pinacoteca utiliza um modelo de avaliação do Reino Unido, que é mais abrangente e não avalia apenas a educação formal (conteúdo), mas também habilidades interpessoais, habilidades sociais, mudança de valores, promoção de prazer e criatividade, atingindo, desta forma, uma área mais subjetiva. A primeira pergunta é: o que você mais gostou sobre a sua visita? E as respostas vão desde avaliações sobre a arte, até impressões sobre o elevador, o banheiro, ou o relacionamento dos funcionários com os visitantes.

Adriana Mortara Almeida adicionou que é possível avaliar, mas a parte mais difícil é saber aonde se quer chegar, mesmo alcançando ao final diferentes objetivos. A ideia de que determinado item não pode ser avaliado porque é muito subjetivo tem de ser superada, já que é possível controlar as variáveis. Marina disse que, apesar das dificuldades, é importante se envolver em ações para obter essas avaliações cognitivas, mesmo se não há um método de medição específica.

Após esta colocação, Gina Barte, das Filipinas, disse que o Brasil sempre foi um terreno fértil que responde a muitas das necessidades dos países em

desenvolvimento. Além de trabalhar em museus, Gina também trabalha com projetos relacionados a desenvolvimento, ambos setores em que existem muitas incógnitas. Em qualquer intervenção que envolve os marginalizados, os indicadores são muito importantes para o desenvolvimento de projetos e são uma boa maneira de avaliar seus programas. Em intervenções visando ao desenvolvimento, a sustentabilidade é muito importante. Temos de estar envolvidos com o longo prazo e estar cientes do impacto realista, saber essas coisas para justificar suas missões. O setor de museus é geralmente mais preocupado com a qualidade, mas a quantidade pode ser um indicador para um maior desenvolvimento. Neste sentido, ela questionou as apresentadoras em quais eram os critérios utilizados para focar em uma determinada área marginalizada; como as equipes eram treinadas e como os projetos planejavam sua sustentabilidade.

Vincent, de Botsuana, falou sobre o projeto de 2011 para pessoas com problemas mentais do museu onde trabalha. Mencionou que depois de levantar a curiosidade, os visitantes continuam voltando ao museu, e o desafio é incorporá-los de maneira contínua no projeto. Em relação ao gerenciamento de riscos, acredita que não é necessário ter algo concreto para a participação das pessoas com deficiência nos museus.

Em relação ao que Gina disse, Gabriela adicionou que há algumas avaliações e números que são mais fáceis para se reunir do que outros. Quanto ao método de escolha dos projetos, são dois os critérios principais: atingir as comunidades perto do museu e trazê-las para dentro do espaço - é uma via de mão dupla. Sobre as equipes que farão parte do programa, a Educateca escolhe as pessoas que já têm experiência na área e querem trabalhar com essas pessoas vulneráveis, que têm empatia para com estes grupos. Marina colocou que no Museu da Língua Portuguesa eles tentam trabalhar com tantos tipos diferentes de público quanto possível - dentro do museu eles não selecionam um público específico; ao invés disso, trabalham com aqueles que vêm ao museu e tentam alcançá-los todos.

Samuel Franco colocou que o objetivo principal do encontro era reunir os membros dos diferentes países da região para compreender as fraquezas e pontos fortes em comum e, com isso, aumentar a credibilidade do ICOM face aos governos nacionais e instituições culturais privadas, abrindo assim a discussão de opções de financiamento, incluindo os fundos do próprio ICOM discutidos em Assembleia Geral na Conferência do Rio 2013.



Programa de Inclusão Sociocultural da Pinacoteca do Estado apresentado por Gabriela Aidar.



Ação junto a pacientes de hospitais pelo Museu da Língua Portuguesa apresentada por Marina Toledo.



Mesa mediada por Joana Monteiro e plenária coordenada por Adriana Mortara Almeida.

Educação – Painel 2

Mediadora: Lourdes Monges (ICOM México)

Relatora: Lauran Bonilla-Mercayy (ICOM Costa Rica)

Apresentações:

- World Documentary Heritage (Lothar Jordan, *Memory of the World*)
- Educação em Museus (Denise Grinspum, *ICOM Brasil*)

Coordenadora de Plenária: Maria Izabel Branco Ribeiro (ICOM Brasil)

Lourdes Monges, representante do ICOM México, abriu o painel dizendo que as mudanças sociais têm trazido transformações também para o mundo dos museus e, portanto, as palestras que abordavam esses desafios certamente muito inspirariam todos ali que voltariam para seus países prontos para compartilhar toda essa informação maravilhosa.

Lothar Jordan apresentou em seguida o programa "Memória do Mundo" (MoW) de educação e pesquisa em museus da UNESCO. Lothar é professor de literatura e trabalhou nove anos em um museu de literatura, era presidente do comitê de museus literários do ICOM e, como representante da UNESCO dentro do ICOM,

está trabalhando para melhorar a relação entre as duas instituições, em direção a uma situação mutuamente interessante.

O atual plano estratégico ICOM engloba a meta de fortalecer a liderança da instituição no setor de patrimônio. Há três programas de patrimônio dentro da UNESCO: Patrimônio Cultural e Natural Mundial (1972); MoW (Patrimônio Documental Mundial (1992); e Patrimônio Cultural Imaterial (2003). O ICOM pode ter um papel em cada um destes programas.

O MoW faz parte do Setor de Comunicação e Informação da UNESCO e possui metas relativas ao patrimônio documental do mundo: facilitar a sua preservação, facilitar o acesso universal, aumentar a conscientização mundial de seu significado e valor. Em seu vigésimo aniversário, completado em 2012, o programa registrava 299 documentos protegidos entre registros regionais (Ásia, Pacífico e América Latina) e registros nacionais (Austrália, Letônia etc.). Três exemplos foram colocados: o arquivo de arquitetura de Oscar Niemeyer, os documentos relativos às viagens do Imperador D. Pedro II do Brasil no exterior e sua coleção de fotografias brasileiras e estrangeiras do século XIX.

O MoW possui, além do Comitê Consultivo Internacional (IAC), os seguintes comitês regionais: MOWCAP (Ásia / Pacífico), MoW Brasil (América Latina / Caribe), ARCMOW (África) e 60 comitês nacionais. Abrange todas as instituições de patrimônio.

Os museus devem estar mais envolvidos neste projeto e o ICOM poderia ser uma das partes mais fortemente interessadas no programa, incentivando a ligação de seus comitês nacionais com o MoW para a salvaguarda de documentos. A ideia é que todo mundo deve ter o mesmo acesso à informação sobre estes documentos, utilizando novas tecnologias de informação e bibliotecas digitais

O MoW precisa de projetos na escola em todo o mundo, projetos que visem à salvaguarda de documentos para a memória do mundo e para a memória das comunidades às quais pertencem. Em nível universitário, o MoW luta pela manutenção de disciplinas acadêmicas estabelecidas (história, museologia, etc.) e por uma nova disciplina acadêmica: Memória dos Estudos Mundiais. A proposta é que ONGs como o ICOM ajudem a implementar o MoW nos currículos e nas diferentes formas de educação, assim como em associações acadêmicas, ou em outros, como os meios políticos.

Um exemplo de educação do MoW já aplicado é um curso da Tunísia em estudos alemães, sobre textos coletivos de memória, instituições e mediação de documentos. Tunisianos podem aprender sobre a cultura alemã, mas podem aplicá-lo para o desenvolvimento do patrimônio da Tunísia.

O sistema interdisciplinar (transversal) e internacional de pesquisa e ensino em documentos orientados vai criar ambientes de ensino e pesquisa virtuais que serão utilizados por diferentes disciplinas para desenvolver uma rede de cooperação das instituições e membros correspondentes.

A seguir, Denise Grinspum, do ICOM Brasil, apresentou sua palestra denominada "A importância de uma definição da política educativa". Começou por trazer duas definições da palavra *aprendizagem*, a primeira de Carlos Rodrigues Brandão que define que “Todas as atividades humanas resultam em processos de aprendizagem” e a segunda de Antoni Zabala, que divide a aprendizagem em três conteúdos: conceitual (fatos, informações concretas), processual (procedimentos, como fazer) e atitudinais (aprender a ser).

Denise mencionou a reunião do próprio Diálogo sobre a gestão de riscos, notando que após aquelas discussões, todos estão cientes de que a tecnologia por si só não vai ajudar no relacionamento com o público, na salvaguarda e na comunicação. A educação não formal não é obrigatória nas escolas e não há um conjunto de ações políticas formais estabelecidas a serem tomadas neste sentido.

Como foi mencionado previamente, cada museu tem suas próprias necessidades e processos de tomada de decisão. Denise deu dois exemplos em que esteve envolvida: o Museu Lasar Segall / Ibram (1990-2000) e a 27^a Bienal de São Paulo (2006).

Na pesquisa que Denise realizou no Museu Lasar Segall (MLS), a principal questão era: As escolas têm um papel fundamental na formação de público da instituição ou não? A hipótese inicial era que a escola teria um papel vital neste aspecto e mais importante que em outras áreas. Na educação para o patrimônio, o museu e a escola compartilham a responsabilidade pela formação de públicos. Em sua pesquisa, Denise se concentrou em escolas que visitaram a coleção do MLS pelo menos 3 vezes entre 1996-1999:

- Escola 1: 2.230 alunos, existe há 36 anos, e entre 96 e 99, cerca de 500 estudantes visitaram o museu (próxima ao museu)

- Escola 2: 1.300 estudantes, 30 anos de existência; 265 alunos visitaram o museu (de baixa renda, área periférica)
- Escola 3: 4.000 estudantes, 65 anos de existência (oferecidos outros cursos como ginástica); 283 foram ao museu (escola particular)

Os resultados vieram de entrevistas e questionários de pesquisa preenchidos por alunos e pais de alunos. Três aspectos chamaram a atenção:

- # 1: Igual desvio entre as escolas
- # 2: Shopping center era o aparelho mais visitado, falta de opções culturais
- # 3: Teatro e cinema eram as atividades principais

A taxa de retorno ao museu foi geralmente baixa e a conclusão foi que o Museu não fazia parte das atividades dos pais de algumas das crianças; as visitas foram conduzidas pelas escolas. A política educativa do museu começou a empregar projetos para as famílias tornarem-se mediadoras para o museu e as crianças, um programa de longo prazo dominical chamado "Arte e Família".

Em 2006, Denise foi chamada para coordenar o educativo da 27ª Bienal. Com base na pesquisa que tinha sido levada a cabo no Museu Lasar Segall, criaram o Programa Bienal Escola, no qual 75% dos visitantes eram das classes A e B (com entrada grátis), mas o acesso não significa acessibilidade. Portanto, várias áreas foram trazidas para o programa, principalmente da periferia da cidade, a fim de implantar um conceito de uma política afirmativa trabalhando com educadores sociais. A principal proposta de trabalho era uma interação com a obra da artista Laura Lima onde, através da criação de máscaras inspiradas pelo trabalho da artista, as pessoas pudessem colocar em si a interação com a Bienal. A ideia é que isto daria uma dimensão mais ampla e diferente de percepção da Bienal.

Denise ressaltou que se deve afirmar, no entanto, que a política educacional tem que ser acordada e aceita pelo museu e/ou instituição. O educativo e a curadoria têm de trabalhar juntos em uma mesma política educacional e inclusiva.

Após comentar que ambas as apresentações tinham pontos em comum que levantavam interesse de diversas áreas, a mediadora abriu para questões. O primeiro ponto, levantado pelo representante das Ilhas Maurício, foi que em diversas convenções sobre museus, o ICOM e a UNESCO divergiam, e questionou quem os países deveriam procurar para participar do MoW.

Lothar respondeu que cada museu poderia preparar uma nomeação para o MoW e levá-la ao seu representante nacional da UNESCO. O mundo dos museus poderia apresentar mais indicações de documentos para salvaguardar. Em relação às várias resoluções, ele enfatizou que deveria haver uma melhor cooperação entre o ICOM e a UNESCO; se os líderes do ICOM dessem mais importância para o programa, eles poderiam fortalecer o MoW.

Carlos Roberto salientou que foram discutidos dois projetos, um em uma casa-museu fixa e o outro em uma situação temporária; o que foi discutido é que cada situação é específica. Questionou, em seguida, se existe uma orientação geral para os museus sobre as condições de acesso universais e adaptáveis.

Existem estudos da Universidade de Leicester e manuais produzidos pela fundação VITAE para a segurança e educação; existem trabalhos acadêmicos intensos, porém há uma lacuna muito grande, porque o que é feito no tema da educação é sempre uma continuação ao invés de novas reflexões.

Ablitorie, do ICOM Senegal, disse que o futuro dos museus depende das discussões em torno das questões de educação para um público diversificado. O museu deve servir a um número de pessoas que estão interessadas em usar o museu para a melhoria, mas o museu pode propor o que deve ser feito na escola. Na África, os países foram colonizados, mas seus problemas não foram colonizados. Deve haver uma melhor sinergia entre professores e educadores de museus, a oferta cultural deve ajudar a transformar a identidade e reformar a história da África. Os museus podem ser mais úteis para estabilizar um conceito uniforme entre todos os professores, por exemplo, em relação à resistência.

Denise adicionou que no Brasil temos instituído, desde 1998, os padrões curriculares nacionais, que são diretrizes, mas não temos um único currículo - cada escola é livre para construir o seu próprio currículo. E esta diversidade é proveitosa no sentido de que permitiu a existência de dependentes das necessidades regionais. Fontes primárias são interessantes ao conhecimento e devem ser valorizadas - isto traz escolas para os museus, mas os museus não devem atender à escola. Ao invés, devem oferecer outra forma de aquisição de conhecimento, construir narrativas semelhantes, que começam em um curto período de tempo, mas são questões de longo prazo. As escolas e os museus devem criar materiais que não são programas específicos, mas sim guias gerais que podem ser construídos em conjunto. Esta é uma das maneiras de o museu somar ao contexto escolar.

Monica, da Argentina, adicionou que museus e escolas têm diferentes sistemas lógicos por trás de seu trabalho. Mas dentro dos contextos da América Latina, que parece ser o caso na África, as escolas e museus tiveram discursos semelhantes. Este é um momento para considerar e questionar quais são as questões que a cidadania deve construir em nossas regiões. Temos que ver que a partir de dois sistemas lógicos diferentes, estamos construindo uma lógica de cidadania que deve promover a diversidade e o respeito ao outro.

O representante de Moçambique colocou que o MoW parece preservar mais a memória material do que valores imateriais e questionou como atravessar essa linha quando há o intangível, já que arquivos escritos na África foram escritos a partir de uma perspectiva europeia. Esses documentos não refletem necessariamente o que é a África e não refletem o que os africanos desejam - seria necessário outro processo para preservar histórias orais, histórias de vida. Questionou ainda quais seriam os critérios e se a fase oral pode ser parte desta narrativa global. Ele estaria interessado em colaborar com o MoW, mas não da forma que foi apresentado.

Lothar Jordan respondeu que são construídos diferentes estilos de patrimônio ao redor do mundo e que a UNESCO possui diferentes setores e programas para atender a estas diferenças. O MoW surgiu pois há uma grande quantidade de bibliotecas e arquivos que foram destruídos no século XX, uma destruição intencional da cultura das pessoas. O programa é uma ferramenta para dar visibilidade a estes problemas e a UNESCO é uma organização pela construção da paz e tenta evitar a perda com base na destruição feita pelo homem.

Andréa, do Brasil, se referiu ao colega de Senegal, que propôs que os projetos educacionais seriam extensões do ensino escolar. Citou como exemplo os museus de ciência, que atendem às escolas e tentam ajudar os professores a ver como as instituições podem ajudar na exploração de ideias e ampliar a compreensão do aluno.

Marina, do Brasil, lembrou que todos os museus têm programas escolares e é importante saber como esse trabalho é realizado. O museu não deve ser subordinado à escola, mas sim parceiro, para que se possa descobrir o potencial do museu e dos educadores e desenvolver o conhecimento do aluno. Um deve complementar o outro. Os programas são extremamente importantes, tanto que todos os museus no Brasil trabalham em estreita colaboração com as escolas e os professores.



“World Documentary Heritage” apresentado por Lothar Jordan, *Memory of the World*.



“Educação em Museus” apresentada por Denise Grinspum.



Mesa mediada por Lourdes Monges e plenária coordenada por Maria Izabel Branco Ribeiro.

Projetos Expositivos - Novas Tecnologias

Mediador: Luis Repetto (ICOM Peru)

Relatora: Lauran Bonilla-Mercayy (ICOM Costa Rica)

Apresentações:

- Experiência do Museu de Zoologia da USP (Carlos Roberto Brandão e Maurício Cândido da Silva, *USP*)
- Experiência AFRICOM (Rudo Sithole, *AFRICOM*)

Coordenador de Plenária: Adediran Nath Mayo (*AFRICOM*)

A primeira apresentação deste painel foi feita por Carlos Roberto Brandão e Maurício Cândido da Silva do Museu de Zoologia da USP. O relato que foi apresentado pelos dois palestrantes tem contexto na evolução que ocorreu no Museu em 2001.

São Paulo não possui um Museu de História Natural, por isso o Museu de Zoologia assumiu uma função semelhante. O museu faz parte da Universidade de São Paulo, porém é uma instituição independente. O edifício construído em 1940 dentro do Parque da Independência, o primeiro a servir como museu, abrigou o Museu de

Zoologia, porém, ao longo dos anos, houve uma grande transformação na concepção de zoologia que impactou diretamente a forma como o edifício era utilizado; logo, houve a necessidade de transformar toda a experiência da exposição.

Espécimes animais têm diferentes características morfológicas, assim identificadas (morfologia externa). O conceito de espécie, que remonta a Aristóteles, pode ser exemplificado por um indivíduo, que carrega todas as características morfológicas daquele grupo. As diferenças foram consideradas menores e a espécie considerada como um todo. Esta era a concepção antiga de zoologia - a nova diz que não podemos representar uma espécie inteira através um único indivíduo, ela deve ser representada de acordo com a gama de variações. Não deve haver apenas um exemplo, deve haver muitos exemplos que representam as diferenças a partir de muitas regiões diferentes e assim por diante.

Logo, após os anos 1940, a coleção de animais do museu de zoologia cresceu de alguns exemplares para 10 milhões de animais, sem que fosse expandido o prédio e sua reserve técnica e de pesquisa. O Museu de Zoologia recebe milhares de novos exemplares a cada pesquisa desenvolvida, o que gera problemas de armazenagem. Além disso, o museu trabalhava com uma coleção datada, que evoluiu e, em seguida, teve de ser alterada para transmitir na exposição o que o museu agora queria compartilhar.

A coleção de fauna brasileira representa apenas 10% do que há no país (mesmo com 10 milhões de espécimes na coleção). Filosoficamente, é impossível de se catalogar essa coleção, pois estaria seria sempre incompleta, e isso foi frustrante. A exposição não deveria ser, portanto, um catálogo, mas sim uma aproximação a uma representação do que o museu faz. Portanto a questão girava em torno de como traduzir em representações físicas expositivas uma experiência do museu, já que a instituição não era um zoológico, mas sim uma área de pesquisa e geração de conhecimento. Era preciso encontrar uma personalidade científica para a instituição e criar algo que não poderia ser transplantado em qualquer lugar do mundo.

Foi definido que seria construída uma visão da flora e fauna brasileira, já que se falava, até então, de ecossistemas e meio ambiente apenas de uma forma trivial. Definida a contribuição que o museu poderia dar, o segundo passo era não perder a já existente interpretação popular da instituição: o “Museu dos Bichos”, como era chamado pela comunidade. O objetivo era tornar-se mais uma instituição de pesquisa mantendo este amor popular por nossa coleção.

A reforma começou com uma série de conversas sobre a origem do museu, como poderia ser considerado no presente e o que seus professores, pesquisadores e alunos queriam que ele fosse no futuro. A decisão acerca do que seria feito com a exposição de longo prazo foi também bastante discutida.

Foi recebida uma grande ajuda para preparar o espaço, organizar a coleção, historicizar a coleção e manter os objetos. Foram incluídos dinossauros, megafauna, exposições temporárias, fotografias de Margaret Mead e Charles Darwin, estudos, etc. Foram enfrentadas questões relacionadas ao espaço diminuto e outros problemas foram encontrados no meio do caminho como, por exemplo, as novas regras éticas de coleta de espécimes; na década de 1970, era aceitável sair para encontrar os pássaros a serem mostrados e matá-los para a exposição, então os novos padrões para a ética científica e segurança biológica também tiveram que ser discutidos.

A nova exposição foi apresentada em setembro de 2001 e recebeu uma excelente resposta do público. O museu recebeu centenas de milhares de visitantes, muitos dos quais crianças e idosos, e muitas cartas e e-mails falando sobre a felicidade da experiência vivida.

Como para a maioria das crianças a primeira visita ao museu é obrigatória, feita com a escola, trouxe grande satisfação para os palestrantes ver que as crianças voltavam com os pais no fim de semana, que levavam os pais ao museu.

Luis Repeto, o mediador desta sessão, ressaltou a importância de se reciclar uma instituição velha, deixá-la mudar com a perspectiva da mudança dos tempos. O plano museológico muda com a apresentação de elementos que permitem o acesso do público.

A seguir, Rudo Sithole, representante do AFRICOM, fez a sua apresentação intitulada “Projetos de Exibição, experiências do AFRICOM”. O AFRICOM cria exposições e projetos de capacitação para construir um potencial de desenvolvimento e de intercâmbio de exposições em museus da África. O AFRICOM começou em 2000, resultado de programas ICOM no continente Africano, e visava a cumprir os seguintes objetivos:

- 1) Promover o desenvolvimento de Museus e instituições relacionadas na África no contexto de desenvolvimento humano em geral.
- 2) Promover o desenvolvimento das profissões e capacitação.

- 3) Fortalecer a colaboração e cooperação entre museus e profissionais de museus na África.
- 4) Promover a participação de todos os setores da sociedade na proteção e valorização do patrimônio cultural e do patrimônio natural (muitos africanos não estão conectados e não gostam de museus porque não se sentem representados neles).
- 5) Luta contra o tráfico ilícito de herança cultural africana.

A prioridade das exposições seria satisfazer as expectativas e promover o desenvolvimento profissional, tendo em mente o seguinte:

- 1) Sem um programa de exposição ativa e dinâmica, o museu está morto.
- 2) Exposições são os rostos dos museus, como os museus são a face da nação/país.
- 3) Necessidade urgente de alterar as exposições coloniais que já não são relevantes.
- 4) Necessidade de envolver as comunidades locais na concepção de exposições, para que possam apreciá-las e ajudar a promover e proteger o patrimônio.

Ciente da necessidade de formação em desenvolvimento de exposições e da necessidade de trazer dinamismo aos museus africanos, o AFRICOM, em parceria com a Noruega, realizou em 2010 uma oficina de três dias em *Treinamento de Desenvolvimento de Exposições*, em Nairóbi. Foram inclusos diretores de museus, chefes de programas públicos, curadores, pesquisadores, designers, diretores de educação e guias turísticos. Ao longo da oficina, os participantes discutiram aspectos primários do desenvolvimento de exposição como: o planejamento do projeto de exposição, a pesquisa para a coleção, conteúdo e desenvolvimento de enredo, avaliação do público, apoio à educação e sensibilização, técnicas de design e de produção e outras atividades de apoio à instalação. Foram também trocadas preocupações e questões relevantes para cada museu e seus programas específicos.

Resultados da oficina:

- Há uma grande diversidade de museus por país.
- Em todos os países (Quênia, Tanzânia, Burundi, Uganda) grupos escolares são responsáveis por 60-70% dos visitantes, seguido por turistas e as famílias locais.
- Exposições não mudam há muito tempo, devido à falta de programas e recursos.
- Alguns participantes nunca tinham participado de qualquer programa de desenvolvimento.

- Antes do seminário, museus em cinco países não realizavam rotineiramente avaliações para aprender sobre sucessos e fracassos dos programas de exibição, mas saíram comprometidos a realizar avaliações em programas públicos após a oficina.
- Necessidade de renovação das exposições.
- Necessidade de cursos de reciclagem.

Durante a segunda parte da oficina, cada país recebeu uma bolsa para capacitação e transferência das habilidades aprendidas. E foram capazes de fazer um bom trabalho, produzindo melhores enredos com temas estabelecidos e tentando envolver as comunidades e escolas do entorno. Foi lançada a primeira exposição em quase 20 anos do Museu Nacional em Gitega, no Burundi, exibindo diferentes danças tradicionais de todo o país e mostrando os vários grupos étnicos que compõem a identidade nacional. Foi uma aproximação das pessoas através da herança intangível de Burundi. No Quênia, a exposição "Tambach, uma exposição cidade patrimônio", de um pequeno museu regional, apresentou as comunidades Elgeyo e Marakwet da região; pela primeira vez um museu não tinha apenas informações da história do local, mas também de sua cultura. Muitas crianças da escola participaram. Na Uganda foram feitas exposições sobre fome e segurança alimentar, mostrando que os museus podem desempenhar papel relevante nas comunidades para resolver os problemas atuais da região.

Como podemos ver, nesta oficina foram preenchidos os grandes objetivos do AFRICOM: desenvolver as exibições, revitalizar os programas já existentes trazendo novas audiências e estabelecer uma rede de profissionais de museus.

São metas para o futuro:

- Necessidade de realizar o treinamento em toda a África e não apenas na África Oriental.
- Melhorar a compreensão e união mútuas.

Ao final das duas apresentações, o mediador Luiz Repetto disse que as expressões vivas da cultura e o intangível são de extrema importância. A África busca localizar sua própria história e personalidade, e não apenas um museu tradicional em um edifício. E que poderíamos trabalhar juntos, compartilhando as dificuldades e problemas comuns, como as anteriormente expressas. Trata-se de uma vontade

política de trabalhar em conjunto, de um compromisso com o patrimônio em todas as suas manifestações.

Durante a sessão de plenário que se seguiu, Erick Dorfmann disse que encontram problemas similares na nova Zelândia, onde as crianças visitam as exposições com as escolas e o fazem de maneira repetida, abrindo uma necessidade de manter as exposições novas e frescas.

Terry, representante da Zâmbia, comentou que no continente africano, especialmente na África do Sul, muitos museus com coleções de história natural têm dois grandes desafios: curadoria de espécimes (armazenamento e equipamento difícil de encontrar e caro) e a taxidermia. Na África dos anos 60 e 70, taxidermistas vieram com os colonizadores, mas eles se aposentaram nos anos 80 e 90 e levaram o conhecimento consigo. Atualmente o continente sofre com a falta de pessoas com a prática da taxidermia e não tem a capacidade ou os recursos para substituir coleção quando esta apresenta problemas. Questionou, então, qual era a situação brasileira nestas áreas. Em relação à apresentação de Rudo, Terry comentou que o treinamento é vital, já que a Zâmbia possui poucas instituições que ensinam museologia. A maioria das exposições é feita pelos próprios profissionais do museu de uma forma muito eurocêntrica. Os museus ficam então voltados para estrangeiros e é por isso que há poucos visitantes africanos. O desafio está em como envolver e seduzir os visitantes - uma saída são as exposições temporárias itinerantes, dessa forma o povo pode sentir que o museu está lá para eles e não para os turistas. Por último, Terry convidou todos a pensar em como vamos proceder, como podem AFRICOM e ICOM-LAC trabalhar juntos e construir uma relação de trocas e aprendizado.

Sobre a questão da taxidermia, Carlos Roberto respondeu que se trata de um grande problema no Brasil também. É uma profissão em extinção, mesmo que seja muito importante para o museu. Taxidermia é uma espécie de curadoria, o material deve ser preparado não de uma forma artística, mas sim de forma a incorporar a exposição. O público tem suas exigências e preferências, como os dinossauros que ficaram em exposição no Museu de Zoologia; em um fim de semana o museu chegava a ter 15 mil visitantes e isso causava problemas. É preciso orientar e formar o público, de modo que os museus também possam receber esse público adequadamente. Há de se buscar temas que ressoam com o público e apresentá-los de uma forma atraente. O Museu de Zoologia tem um sistema de formação profissional que é prático, mas

muitas vezes se veem obrigados a olhar para fora, para os especialistas, como os taxidermistas.

Maurício complementou a fala de Carlos Roberto adicionando que a taxidermia é certamente um problema no mercado de profissionais. Mas também existem espécimes que são constituídos apenas por esqueletos ou conservadas em líquido. O Museu de Zoologia está testando novas formas de preservação com glicerina, que é menos opressiva. Devemos pensar em novas formas de preservação da coleção. A taxidermia é complexa porque envolve também a arte, a postura do animal, além disso, tem alto custo e necessita grande espaço de armazenamento (girafas e elefantes, ocupam o espaço do elevador, por exemplo). As necessidades que decorrem deste tipo de conservação são enormes.

Rudo colocou que encontrar os especialistas de fato é difícil, há poucos na Europa e na África do Sul. Mas em uma nota diferente, houve uma apresentação na qual havia o desejo de utilizar um bicho de pelúcia e o público resistiu. É preciso chegar a diferentes abordagens de exposição sem perder de vista o que o público é capaz de receber.

Samuel, representante do ICOM Guatemala, perguntou qual era a estrutura do AFRICOM e colocou que parte das expectativas para este encontro era sair com projetos colaborativos tangíveis dado que todos os países ali presentes têm muitos pontos em comum, especialmente em patrimônio cultural imaterial (música, dança, gastronomia). Pode-se comparar os efeitos de objetos, por exemplo, um xilofone / marimba africano em comparação com uma marimba da América Latina. Propôs, portanto, a criação de um grupo de trabalho, como a AFRI-LAC para acompanhar este esforço único realizado graças aos brasileiros.

Rudo respondeu que a estrutura AFRICOM é semelhante à estrutura ICOM, adotada a partir da constituição do ICOM, com um conselho que é como o Conselho Executivo, com representantes regionais (Leste, Sul, Norte, Oeste, ilhas do Oceano Índico), dois representantes de cada região constituem a presidência. Existe um secretariado dirigido pelo diretor e é uma organização da sociedade com os membros institucionais e individuais. No que diz respeito à relação Sul-Sul, Rudo colocou que de fato há muitas ligações entre as regiões e que não foram capazes de discutir todos eles, mas o Diálogo foi um bom começo. Por exemplo, as ligações culturais que vieram através do comércio de escravos africanos, devem estudar como podem colaborar nessas áreas no futuro.

Daniel, de Moçambique, perguntou a Rudo como estava a questão da incorporação de países de língua portuguesa na África. Mencionou que era preciso encontrar de alguma forma um caminho para quebrar as barreiras linguísticas. Sua segunda questão foi sobre a apresentação de Carlos e como mudar os paradigmas para os mais novos, o que dizer de novos museus. Seria necessário, talvez, pensar em um script ou uma plataforma? Por fim, salientou a importância do esforço conjunto e da existência de uma estrutura mais sistemática para a relação Sul-Sul que possa permitir avanços.

As línguas oficiais do AFRICOM são o inglês e o francês, mas principalmente o inglês. Não atende, portanto, atualmente os países de língua portuguesa, mas se os recursos permitirem, Rudo declarou que gostariam de trabalhar nas quatro línguas principais do continente.

Carlos colocou que dentro da ideia de uma cooperação permanente é necessário ter certeza de que o esforço não será perdido, é necessário encontrar formas de aprofundar a maneira como os países ali presentes podem de fato trabalhar juntos. É evidente que se trata de uma tarefa difícil, em relação ao custo e tempo, mas é uma iniciativa que pode ser mantida dentro de uma plataforma digital. Maurício salientou a necessidade de compartilhar informações e unir forças para avançar e progredir, por exemplo em relação à questão da preservação científica.



A experiência do Museu de Zoologia por Carlos Roberto Brandão e Maurício Cândido da Silva.



A experiência AFRICOM por Rudo Sithole.



Grupo de trabalho da oficina de atividades sobre temas do Evento.

Ações para o “AFRI-LAC”

Mediadores: M. Ignez Mantovani Franco (*Presidente do ICOM BR*) e Carlos Roberto F. Brandão (Presidente do Comitê Organizador da 23ª Conferência ICOM)

Relatora: Lauran Bonilla-Mercayy (ICOM Costa Rica)

Como podemos ver pelas falas anteriores, principalmente da seção de Projetos de Exposição, o tema de expandir a ação conjunta dos países do sul geopolítico surgiu espontaneamente da demanda dos presentes. Muitas falas foram colocadas neste sentido e, por esta razão, foi criada uma nova subdivisão, neste relatório, não prevista no programa inicial.

Rudo Sithole abordou o tema em sua fala sobre Projetos Expositivos e o AFRICOM, colocando que os países ali presentes deveriam trabalhar juntos para unir recursos a fim de construir capacidade não apenas em projetos expositivos, mas também em outras áreas, como na educação. Projetos em colaboração podem ser estendidos a outras áreas, como preparação para emergências, o tráfico ilícito, documentação, treinamento e etc.

Andréa, do Brasil, sugeriu a redação de uma Carta de Intenções e a criação de programas de intercâmbio - conexões para troca de experiências - com bolsas de financiamento comum, de forma a tornar estas intenções uma realidade e não apenas uma folha de papel. Adriana Mortara complementou a fala de Andréa adicionando que alguns comitês internacionais do ICOM poderiam ajudar neste financiamento de bolsas; o CECA, por exemplo, está planejando ter uma oficina de educação na África, e há a possibilidade de financiar a participação. Sua sugestão prática foi a de construir uma lista de todos os presentes, incluindo não só o nome e o contato, mas também instituições, dessa forma poderiam ser estabelecidas relações de trabalho.

Por conta da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), o ICOM Portugal foi convidado para o Diálogo Sul-Sul. Joana Monteiro, representante de Portugal, disse que gostaria de se tornar uma observadora permanente destas iniciativas AFRI-LAC e que poderia ajudar na questão da linguagem, muito bem levantada como um problema pelo representante de Moçambique. Portugal e Brasil poderiam trabalhar junto aos países africanos de língua portuguesa para ajudar a traduzir os documentos do AFRICOM e os demais criados pelo Diálogo Sul-Sul.

Samuel, do ICOM Guatemala, colocou que o ICCROM vai realizar em 2014 um programa em Nairóbi com os países africanos. Se cada país contribuir a partir da perspectiva de suas forças e especialidades, considerando os problemas semelhantes com os demais, será mais fácil obter apoio para todos; os problemas do Sul serão ouvidos. Neste sentido Beatriz adicionou que é necessário conhecer os temas que cada um entende como sendo os pontos fortes do que foi visto no Brasil durante a Conferência e o Diálogo e o que cada um gostaria de desenvolver após esta viagem.

Oscar Centurion, do ICOM Paraguai, lembrou que, especialmente nas Américas, tem havido muitos trabalhos envolvendo o patrimônio e heranças vindas do continente africano para a América Latina. Seria bom pesquisar as redes já existentes para que se possa aproveitá-las, são caminhos que já estão ativos e podem ser mais facilmente mantidos.

O discurso de Lothar Jordan foi ao encontro da fala de Oscar, encorajando a busca por caminhos de cooperação dentro de instituições já existentes, por exemplo, uma aliança do ICOM-LAC com o MoW-LAC. Disse que a UNESCO quer servir como uma ponte e urgiu os participantes a usarem o MoW para uma melhor cooperação, isso seria vantajoso para todas as partes.

Monica, do ICOM Argentina, colocou que antes de entrar nas questões administrativas, seria necessário estabelecer as respostas para as três bases colocadas no Diálogo Sul-Sul, as bases conceituais que foram trabalhadas ao longo dos dias.

Em seguida, Maria Ignez, presidente do ICOM Brasil, disse que quanto mais o AFRICOM e o ICOM-LAC forem fortalecidos, mais poderão trocar. Deveriam sair dali com pontos e objetivos muito claros para o que era desejado, um plano estratégico a seguir, mantendo os três temas inicialmente propostos. Após a reflexão sobre estes temas com base na experiência do Diálogo, será possível estabelecer uma plataforma sobre a qual trabalhar e colaborar. Ela salientou também a importância do rótulo "Sul-Sul", que trás em si uma nova perspectiva e a possibilidade de encontrar mais recursos ao se trabalhar em conjunto. Lembrou que há muitas organizações que podem contribuir com recursos, sendo uma delas o próprio ICOM, que financia bolsas para que os países menos favorecidos participem das conferências anuais em Paris, onde o Sul-Sul poderia aproveitar a oportunidade para se reunir novamente.

Carlos Roberto Brandão reiterou que os fundos e bolsas disponíveis dentro do ICOM são extremamente importantes, é preciso participar na assembleia anual para que as vozes dos países do Sul-Sul possam ser incorporadas ao processo decisório. É

importante notar que nestes locais o Sul está sub-representado e devemos, portanto, utilizar os mecanismos que já existem para reverter esta situação. No Diálogo Sul-Sul, graças à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, foi possível financiar passagens, estadias e alimentação para que todos os países fossem representados, mas mesmo assim muitos não puderam comparecer. É preciso fomentar a participação ativa de todos os países. Carlos lembrou que dentro do ICOM, para a concessão de bolsas de estudo e viagem, há uma preferência para os países que são de categoria 3 e 4, dessa forma poderiam estar quase todos presentes e haver um Diálogo Sul-Sul anual. Sugeriu então uma abordagem mais prática, com a criação de subgrupos para que um plano estratégico já fosse traçado para o próximo encontro em Paris.

Morayma, representante de Cuba, sugeriu que Carlos Roberto Brandão fosse nomeado o presidente da AFRI-LAC, que não precisaria ser uma instituição necessariamente burocrática. Uma infraestrutura mínima, que garantisse uma forma de se manter em contato, intercambiar e teorizar, já seria o suficiente. A coisa mais importante notada pela colega foi a falta de paternalismo, que ali todos estavam conscientes de que tinham muito a aprender uns com os outros.

Elvira, da Colômbia, reiterou a importância do que foi dito por Rudo, que muitas vezes se perde na América Latina, sobre o valor da sinergia e da colaboração dentro de uma mesma região. E propôs que “serviços educacionais” fosse o primeiro projeto no qual o AFRIC-LAC realmente se concentrasse.

Daniel, de Moçambique, disse que não se identificava com alguns dos temas propostos e que talvez fosse possível examinar os problemas específicos de cada país. Moçambique, por exemplo, tem um grande potencial para novos museus e não apenas para reformas nos museus antigos. Propôs o encontro de uma metodologia que possa examinar o que são questões para colegas de outros países. Ao que Carlos Roberto Brandão respondeu que se fossem examinar as questões em todos os países, a conclusão seria que todos os tópicos são importantes, porque de fato eles o são. Porém há que se ater aos temas propostos, antes de pesquisar outros, para evitar a pulverização das discussões; emergências, educação e novas exposições são temas universais.

Lourdes, do ICOM México, manifestou que aquele encontro abria um novo futuro de maior comunicação, principalmente entre os países da América Latina. Todos, apesar de felizes de trabalhar juntos, têm um grande compromisso em manter esta plataforma viva.

Rudo manifestou seu desejo de ver ações concretas saírem da reunião. Muito foi conversado e houve prioridades dentro desses diálogos. Mesmo novos museus, ainda precisam saber como fazer exposições, planejar-se para emergências e precisam ter bons programas educacionais. Estes três programas, abordados pelo Diálogo Sul-Sul, são muito relevantes para todos os presentes. Colocou também que foi discutida a inclusão de outras regiões e a aproximação de empresas que operam dentro da América Latina, África e Caribe, principalmente no que tange o patrocínio de programas, de forma que as regiões encontrem o tão importante desenvolvimento cultural.

Carlos ressaltou que a Conferência do Rio recebeu o patrocínio de grandes empresas ligadas, de alguma forma, ao setor cultural. E deu uma sugestão prática de se formar três grupos, um para cada tema do Diálogo Sul-Sul, e que cada um fizesse três sugestões de ações concretas que poderiam sair do papel.

Redação de Documento Final e Encerramento

Mediadores: M. Ignez Mantovani Franco (*Presidente do ICOM BR*) e Carlos Roberto F. Brandão (Presidente do Comitê Organizador da 23ª Conferência ICOM)

Relatora: Livia Biancalana (ICOM Brasil).

Os participantes foram divididos em três grupos para facilitar as discussões e torná-las práticas no sentido da formulação de propostas concretas por escrito em torno dos três temas abordados ao longo do Diálogo Sul-Sul de Museus. Cada participante pôde optar em qual grupo participaria e um esforço extra de tradução foi feito por parte da equipe de organização.

Foi pedido que pelo menos três propostas concretas fossem colocadas no papel para a produção de um documento final. O grupo que discutiu educação elaborou 3 propostas (ver anexo 3), o grupo de planos de emergência elaborou 4 propostas e o grupo de planos de exposição, nenhuma.

Joana Monteiro, representante do ICOM Portugal, disse que eles estão tentando ser um observador permanente dentro da CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa. A próxima reunião dos museus da CPLP será em São Paulo, em 2014, no Museu da Língua Portuguesa. Nesta ocasião, será importante trabalhar focando a criação de comitês nacionais do ICOM em países desta comunidade que ainda não os tenham. Falou-se em fazer um novo Diálogo Sul-Sul ano que vem por ocasião do

encontro da CPLP. Foram apontados secretários e coordenadores destes esforços para manutenção constante do Diálogo, para que estes esforços possam se manter constantes.

Maria Ignez encerrou o Diálogo Sul-Sul agradecendo a presença de todos e enaltecendo a importância da reunião e da repetição deste tipo de iniciativa com maior frequência.

Conclusão

O Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus foi uma ação inovadora que abriu frentes dentro da área de museus nunca antes exploradas. O formato proposto das discussões, divididas em painéis e com mediação, funcionou muito bem e abriu espaço para que várias opiniões e experiências fossem manifestadas. Foi muito mais do que uma coleção de palestras, foi um verdadeiro encontro de profissionais.

Muito elogiado pelos que dele participaram, o Diálogo convergiu para dois assuntos principais: construção de capacidades (“capacity building” em inglês) e criação de novas plataformas para a comunicação dos atores nas regiões englobadas pelo encontro.

Na área de desenvolvimento/construção de capacidades, ficou claro o grande ganho que os países podem ter na realização e participação de oficinas técnicas. No mais se exaltou que o próprio ICOM financia programas neste sentido e que os países do Sul Geopolítico deveriam aproveitar melhor destes recursos, se inscrevendo e concorrendo para bolsas e financiamentos de viagens. As vozes destes atores sub-representados serão apenas ouvidas se forem manifestadas, essa é uma importante lição a ser aprendida. A vontade de aprender, desenvolver, reformar, construir e melhorar existe e juntos se tornarão mais fortes.

O segundo ponto, criação de novas plataformas para a comunicação, trata, exatamente, deste “tornar-se mais forte na conjunção”. A tecnologia entra aqui como um grande ator na diminuição das distâncias geográficas, a aproximação das necessidades e troca de experiências podem ser mantidas de forma constante através do meio digital. Plataformas abrangem também um sentido mais amplo, não seriam apenas ferramentas, mas novas maneiras de se encontrar como o próprio Diálogo Sul-Sul. Este, pediu-se que fosse repetido com frequência, ao menos, anual.

Outro pedido espontâneo que surgiu durante o encontro em São Paulo foi aquele para a criação de uma instituição que unisse América Latina com a África, o AFRI-LAC. Isto apenas mostra o interesse de ambas as partes de colaborarem e trocarem experiências. Neste sentido, o Brasil teria um papel estratégico, não apenas pela atual exposição que recebe do cenário internacional (Copa do Mundo de Futebol, Olimpíadas e a própria Conferência Internacional do ICOM), mas também pelo seu posicionamento historicamente diplomático e de liderança entre os menos desenvolvidos.

Muito se fruiu e muito há ainda de ser tirado desta experiência que foi o Diálogo Sul-Sul de Museus. Todos esperam que ações de fato concretas saiam desta oportunidade e que seus participantes implementem em seus países e regiões projetos e/ou lições que aqui desenvolveram.

Comentários dos Participantes sobre o Diálogo Sul-Sul

No relatório dos bolsistas que participaram do Sul-Sul e do Programa de estágios aparecem alguns comentários sobre o Diálogo Sul-Sul.

Kennedy Atsutse, de Gana, afirma que o evento proporcionou importante troca de ideias e destacou que as informações sobre Planos de Emergência foram muito importantes para ações futuras em sua instituição e país:

“The South-South Dialogue, a two day forum held to discuss issues affecting museums in Latin America and Africa and suggesting possible ways of addressing them saw the coming together of many minds and divergent views brainstorming on ways to improve working standards. Presentations were made on various topics concerning museums, of which significant for me was the one on Emergency Plans. Emergency Plans as I thought did not require huge amounts of money before they are drawn. Though certain equipments need to be in place or acquired, drawing and implementing emergency plans could always have a small beginning. It drawn taking into consideration the kind and structure of the museum. My museum does not have an Emergency Plan, so I was really inspired by the presentations and discussions held on this. Hitherto, I saw it as a big ‘thing’ which needs a certain level of expertise and funds to draw, but I have realised it is not so much of a big deal. A website was also provided by Dr Hannah Pennock and Dr Eric Dorfman, where a sample is available to serve as a guideline to individuals and institutions who would want to draw emergency and evacuation plans for their museums. It was really useful”. **Kennedy Atsutse, Ghana**

Diana Vargas, da Colômbia, destacou que o encontro possibilitou uma aproximação com a África e seus museus:

“South-South Dialogue allowed me discover Africa in a way I had never seen: through museum professionals from different countries of the continent. Listen to their realities, achievements, difficulties gave me a new vision of the African countries and an overview of its museums”, Diana Vargas Lopes, Colômbia

Addou Karim Fall, do Senegal, considerou o encontro muito válido para unir esforços de países em desenvolvimento:

“South-South Dialogue proved to be a major initiative because its purpose was to think about getting together museum workers from developing countries, sharing almost the same realities in their respective museums, to talk, share and discuss problems and eventually find appropriate solutions”. Abdou Karim Fall, Senegal

Wilbard Lema, da Tanzânia, destacou os pontos discutidos e considerou o encontro muito válido para a formação dos bolsistas que tiveram contato com profissionais de diversas áreas:

“The major objective of this dialogue was to extend the relations between the museum professionals of the host country and other experts in the same field from Africa, Caribbean and Latin America. Participating in this dialogue had an immense contribution to the grantees as it exposes them to the core outlook of museums found in their areas and as such disclosed to a wide museum experience and skills. Among the major issues discussed I would include:

- *The need to change African exhibitions as most collections in Africa Museums has been there since the colonial times*
- *Africa needs more resources to interpret and exhibits its collections*
- *Political will and is essential to support museum activities.*
- *Curators must involve the public in planning the exhibitions as their part of the collections. Exhibitions must target indigenous and not merely the foreigners.*
- *Taxidermy is an essential fading specialty and it should be a major concern to museums and museum curators.*

After a long discussion three groups were formed to discuss about museum exhibitions, education and the need for an emergence plan. I was involved in exhibition discussion and among the issues agreed was the involvement of the public in planning the exhibitions as well as exchange of experience and process between the museums and curators. The emergence plan was observed as a critical issue since most museums lacks it. It was generally suggested to provide training for the trainers to speed up the installment of emergence plans in museums. The creation of the assessment platform was mentioned as a criterion for better performance”. Wilbard Lema, Tanzânia

Fred Nyambe, de Zâmbia, considerou que o encontro permitiu a troca de experiência e *networking*. Destacou a importância dos planos de emergência para museus e sua intenção de realizar uma ação nesse sentido em sua instituição:

"Among the aims of the meeting was to deepen the relations among museum professionals from Africa, Latin America and the Caribbean. This meeting

provided an opportunity for networking and sharing of knowledge and experiences among the professionals from these continents.

One of the most critical discussion outcomes from the meeting was a need for museums to have a disaster preparedness plan in case an emergency occurred. The lack of emergency plans in museums from these regions seemed a common problem.

To help curb these challenges, a document titled "Your Museum Disaster Preparedness Plan: A toolkit for getting Started" prepared by Eric Dorfman and Hanna Pennock was presented. This is a basic document highlighting few steps all museums must take with minimal resources required. An extensive plan requires a lot of resources and can be a daunting task. There are however some steps which require minimal effort explained in this document. These steps range from knowing the priorities of the collections to planning escape routes and taking care of electricity faults.

At the end of the second day of the South-South meeting, the participants were divided into three groups according to their areas of interest. I joined the Emergency plans group because I became so passionate about the preparedness in case of a disaster. From this meeting, I wish to influence for a disaster preparedness plan at the museum I work for". **Fred Nyambe, Zâmbia**

Vicent Rapoo, de Botsuana, destacou que nem sempre a questão é de dinheiro: é possível fazer ações construindo parcerias:

"The meeting was very important for the regions involved. It gave countries from the respective regions to learn from each other and share ideas. I managed to learn about the museum situation in Brazil and how different it is compared to my country of origin. There were very good points that I observed which really encouraged me to think outside the box. I think Africa still has a lot to do in terms of museology is concerned and dialogue with South America would really help as both regions share a common history. I learnt that it is not always about money, but simply making a programme suitable to current conditions and forming partnerships and collaborations with local, national and international organizations for example like UNESCO and ICOM". **Vincent Rapoo, Botsuana**

Abdoul Fall, do Senegal, afirma que a ideia do Encontro foi muito boa no sentido de proporcionar a troca de experiências e desenho de futuras parcerias.

"Une grande initiative a été de penser à la réalisation de cette rencontre (Dialogue Sud-Sud) où les pays en développement, partageant pratiquement les mêmes réalités dans leurs musées respectifs, pourraient discuter, partager et échanger des problèmes et éventuellement trouver des solutions adéquates à ces derniers." **Abdoul Karim Fall, Senegal**

Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus

21, 22, 23 e 24 de agosto de 2013

Apresentação

Para a 23ª Conferência Geral do ICOM foram convidados 114 bolsistas de diversos países, dos quais 109 compareceram. Destes, 46 permaneceram no Brasil após a Conferência, dos quais 18 vieram para São Paulo como estagiários e 8 como convidados.

Foi priorizada a participação de bolsistas da África, América Latina e Caribe para realização dos estágios em São Paulo e consequente participação no Diálogo Sul-Sul de Museus.

Programa de Estágios

Os 18 bolsistas estrangeiros participaram do Diálogo Sul-Sul de Museus nos dias 18, 19 e 20 de Agosto e em seguida tiveram experiências em museus de São Paulo nos dias 21 a 23 de Agosto. A seleção de museus e de áreas de museus foi feita a partir das respostas dadas pelos bolsistas interessados em formulário divulgado pelo ICOM, no momento da inscrição na seleção para as bolsas. Foram levados em conta também os currículos dos bolsistas e o Comitê Internacional em que atuavam para seleção do local do estágio. Os museus que ofereceram estágios são ligados à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo e à Universidade de São Paulo.

Os nove museus que receberam os bolsistas africanos e latino-americanos localizam-se no estado de São Paulo (oito na capital e um na cidade de Itu). São museus de diferentes tipologias: arte, história, história natural, entre outros.

A seguir a lista de bolsistas, países de origem e museu onde realizaram estágio:

Nome	País	Museu
Elsa Catarina Teixeira Gonçalves Rodrigues	Portugal	Casa Guilherme de Almeida
Fred Nyambe	Zâmbia	Memorial da Resistência
Abdou Karim Fall	Senegal	Museu Afro Brasil
Kennedy Atsutse	Gana	Museu Afro Brasil
Diana Jasmin Vargas López	Colômbia	Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP)
Wilbard Stanley Lema	Tanzânia	Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-USP)

Nome	País	Museu
Scarlet Rocio Galindo Monteagudo	México	Museu de Arte Contemporânea (MAC-USP)
Eric Jushua Dorfman	Nova Zelândia	Museu de Zoologia (MZ-USP)
Maambo Audrey Bwanjelela	Zâmbia	Museu de Zoologia (MZ-USP)
Ramracheya Deoraz	Ilhas Maurício	Museu de Zoologia (MZ-USP)
Brenda Janeth Porras Godoy	Guatemala	Museu do Futebol
Mamadou Coulibaly	Costa do Marfim	Museu do Futebol
Philippe Adoum Gariam	Chade	Museu do Futebol
Hakim Bouakkache	Argélia	Museu Republicano de Itu (MP-USP)
Mariana Adelina Pla	Argentina	Museu Republicano de Itu (MP-USP)
Nagnambzanga Théophile Nacoulma	Burkina Faso	Museu Republicano de Itu (MP-USP)
Elizabeth Okpalanozie Ogechukwu	Nigéria	Pinacoteca do Estado
Vincent Phemelo Rapoo	Botsuana	Pinacoteca do Estado

As atividades realizadas em cada um dos museus variaram bastante, passando por visitas para conhecimento mais geral do museu como também por incursões em especialidades.

Todos os bolsistas que fizeram estágios escreveram relatórios sobre sua experiência em São Paulo. A seguir serão apresentados trechos desses relatórios que refletem a avaliação dos participantes.

O bolsista senegalês Abdou Karim Fall, que esteve no museu Afro Brasil, descreveu as atividades realizadas: apresentações das várias áreas do Museu, visitas técnicas às reservas e às exposições, troca de experiências. Ele também destaca os resultados positivos da experiência, como o contato com diversos profissionais, possibilidades de novas parcerias, informações técnicas sobre salvaguarda de coleções, entre outros. Só lamenta o pouco tempo que teve para o estágio.

“DESCRIPTION DES ACTIVITES EFFECTUEES :

- *Visite complète et Présentation générale des différentes entités du Musée, des espaces d'exposition, du personnel et principalement de l'équipe de Documentation / Conservation*
- *Présentation de la documentation des collections et des différentes bases de données du Musée suivi de discussions et échanges*
- *Visites techniques au niveau des différentes réserves du Musée suivi d'échanges et de discussions notamment avec le Directeur du Musée concernant la position d'une des réserves au milieu des locaux administratifs. Ce dernier a ainsi manifesté l'intérêt et le désir de déplacer cette dernière en des locaux plus optimal et sécuritaire conformément aux normes d'une bonne gestion de réserves.*

- *Revisite guidée de l'exposition des collections d'œuvres africaines suivie d'échanges et de discussions avec le responsable*
- *Présentation du Musée du Centre de Recherches et de Documentation du Sénégal (CRDS) suivi d'échanges et de discussions*

RESULTATS POSITIFS DE L'EXPERIENCE :

- *Contacts avec Un personnel très chaleureux, très sociable, disponible très disposé et dévoué à leurs taches respectives*
- *Futures possibilités de partenariats de travail entre nos différentes institutions*
- *Etablissement d'un tableau comparatif des deux institutions sur nos différentes techniques de gestion de nos collections*
- *Découverte du système de stockage par COMPACTUS, un matériel dont nous devons acquérir dans notre Musée et dont j'ai eu la chance de trouver sur place et comprendre les mécanismes de base pour son utilisation*
- *Elaboration d'un listing des différents matériels et matériaux de conservation, accompagné de quelques échantillons*
- *Obtentions d'une Copie d'une base de données vierge faite à partir de ACCESS*
- *Découverte de quelques astuces sur quelques techniques de conservation des collections telles que la peau / cuir avec des Feuilles de laurier et des clous de girofle*

RESULTATS NEGATIFS DE L'EXPERIENCE :

Trois jours étaient trop courts pour découvrir un maximum de choses et parvenir à réaliser des travaux avec le Musée hôte. **Abdou Karim Fall, Senegal**



Bolsistas e equipe do Museu Afro Brasil em São Paulo (Fonte: Relatório de Abdou Karim Fall, Senegal).

A bolsista da Guatemala, Brenda Janeth Porras Godoy, descreveu as atividades realizadas no Museu do Futebol, nos três dias. Ela e os outros bolsistas tiveram oportunidade de conhecer as diferentes áreas do museu – administração, documentação, educação e projetos de sustentabilidade e comunicação:

“Miércoles 21: Experiencias en torno a la administración del Museo.

Experiencias sobre el proyecto de documentación en relación al patrimonio tangible e intangible en torno al Fútbol en Brasil. Visita guiada general a las salas del Museo.

Jueves 22: Experiencias teóricas y prácticas en torno al proyecto educativo del Museo. Proyecto de accesibilidad. Visita educativa al Museo. Talleres de accesibilidad en las salas del Museo.

Viernes 23: Experiencias en torno a la sostenibilidad del Museo. Experiencias de comunicación interna y externa del Museo.” **Brenda Janeth Porras Godoy, Guatemala.**





Os bolsistas no Museu do Futebol registraram suas reuniões e também as atividades educativas (foto de Adoum GARIAM Philippe).

Comentários sobre os Museus

Wilbard Lema comenta como foi importante conhecer o trabalho educativo realizado no Museu de Arqueologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), especialmente com comunidades vizinhas ao museu e também a ideia de ter a reserva técnica aberta à visitação, promovendo maior socialização do acervo.

“The exposure to education services in MAE-USP has enlightened us on how to evolve the local community in museum activities. It is a fact that most museums deals with schools and other visitors at the expense of the communities around the museum. Involving the community in museum activities is a best way of creating the public trust and expands the horizons of more friends of museum. Village Museum for a long time has involved the local community in its activities through various cultural programs including the national cultural day program but it is vital to pay a special consideration to the very proximal communities to the Museum. Another experience learnt from this section is their creativity of establishing a public storage. It is a common experience that most precious pieces in museums are preserved in stores in which the visitors are not admitted. Since museums keep and exhibit their collections to the public, it is necessary to ensure the public and especially the indigenous community enjoys its heritage by having access to it. As such instead of preserving the collections museums should conserve its

collections by giving a room for the public to appreciate the heritage resources without jeopardizing the conservation ethics". **Wilbard Lema, Tanzânia**



Restauração de recipiente de ceramic – MAE-USP (Foto: relatório Wilbard Lema).

Fred Nyambe Lema salienta como pretende aproveitar ideias compartilhadas pela equipe do Memorial da Resistência, tanto no campo da educação como da documentação:

"The educational programmes and various initiatives at the Memorial da Resistencia were an important aspect of interest to me. The various programmes undertaken with school teachers and other professionals to deepen the dialogue of the oppression and resistance period is quite admirable. I will propose to our museums for such programmes to take root in our institutions as well.

The visit to the CIDOC section was thought provoking. I picked up a number of ideas from the team there. Our documentation system has quite some lots of duplication and very complex. The system at the documentation centre and the interaction with the team triggered some new thoughts which I wish to implement". **Fred Nyambe, Zâmbia**

Comentários sobre os Profissionais dos Museus

Os relatos dos estagiários informam que foram muito bem recebidos e que os profissionais eram muito preparados em suas especialidades.

Elsa Rodrigues, de Portugal, destaca a receptividade da equipe da Casa Guilherme de Almeida, tanto no aspecto pessoal como profissional:

“To have an outside view was very appreciated by the Brazilian workers that were with me during the internship period. The crew received me very warmly, professionally and was always willing to help and explain any details I need.”

Elsa Rodrigues, Portugal – Estágio na Casa Guilherme de Almeida

Wilbard Lema relata que foi muito bem recebido pela equipe do MAE-USP, que teve possibilidade de trocar experiências em diferentes áreas do museu:

“We were hosted by Prof. Camillo, Prof. Lisy and Ms. Carollina. Our hosts welcomed us with open hearts which confirms that they were really ready to work with us. (...)MAE professionals and museum assistants found working in laboratories were positively collaborative and we managed to exchange our educational and technical experiences with them. We were delighted with well planned activities performed by well managed and connected team work. We were enlightened by the head of laboratory on various technical conditions of objects”. **Wilbard Lema, Tanzânia - Internship at MAE-USP (SP)**

Théophile Nacoulma, de Burkina Faso, destaca a oportunidade de conhecer o trabalho em conservação de tecidos desenvolvido por Teresa Toledo de Paula, do Museu Paulista, durante o estágio no Museu Republicano de Itu:

“A partir des exemples pratiques de conservation, d'exposition de ce musée, de gestion pour tout dire, je peux dire que mon expérience est devenue grande en matière de conservation des collections textiles. Aussi, en ‘techniques de restauration des collections’, mon cours dans la filière muséologie dans mon pays, j’ai acquis d’autres astuces de restauration après un passage dans la salle de restauration où j’ai échangé avec les techniciens sur la pratique.

La disponibilité des professionnels et surtout la chargée de mon stage: Dra. Teresa Cristina Toledo de Paula m’a permis d’avoir les réponses aux questions à leur adresser et d’avoir la promesse de recevoir les informations, à leur disposition en cas de besoin pourvu que j’exprime mes besoins par message mail.” **Nagnambzanga Théophile Nacoulma, Burkina Faso (estágio no Museu Republicano de Itu)**



Bolsistas receberam explicações durante visitas às exposições do Museu Republicano de Itu.

Comentários sobre a oportunidade de participar de Estágio em um Museu Brasileiro

Em geral, os relatos e comentários dos bolsistas foram muito positivos, mesmo sendo uma experiência de apenas três dias em um museu.

Desde o início ficou claro para tutores e estagiários que o objetivo não era a realização de um estágio técnico, de aprofundamento em uma especialidade, mas sim uma experiência em uma instituição brasileira.

Os estagiários Elizabeth e Vincent, que estiveram três dias na Pinacoteca do Estado de São Paulo, destacam a excelente oportunidade para troca de experiências e aprendizagem de novas técnicas e estratégias de trabalho.

“The internship gave me the opportunity to learn more about the conservation of artworks available and the opportunity to network with fellow professional colleagues”. **Elizabeth Okpalanoozie, Nigéria – estágio na Pinacoteca do Estado (SP)**

“My internship was at Pinacoteca for three days on their administration department. Paula Marques was my mentor for the three days even though I had the liberty to talk and work with most of the people in the department. My main interest was with communication, marketing and public relations.

The internship was very important to me as I got pointers on how to manage and organize my administration department taking into consideration communication and marketing. I was introduced to the processes at Pinacoteca which are very good and ensuring the survival of the museum programmes and projects. The activities that I will be doing for my museum include initiating Friends of the Museum, resurrecting our Facebook page and web site and also partnerships and collaborations with different organizations". **Vincent Rapoo, Botsuana – estágio na Pinacoteca do Estado (SP)**



Bolsista (Vicent Rapoo) com Paula Marques, profissional da Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Para Kennedy Atsutse, o estágio no Museu Afro Brasil foi muito valioso pelas experiências que teve e por ter saído de uma ‘zona de conforto’ para enfrentar novos desafios.

“On the whole, the experience was awesome. It took me out of my comfort zone and opened me to other ways of doing things. Though the internship was short lived, the impact was great. Perhaps, due also to the warm nature of the staff of the Afro-Brazilian museum. Their welcoming attitude really made me feel at home and part of the family. Everyone was willing to give me a bit of what he/she does, and that gesture was amazing. I had a lot of information than I bargained for. I thank the conservation team for exposing me to those simple but useful improvisations. I will be trying them out. I also hope to introduce to my museum, some of the conservation materials being used at the

Afro-Brazilian museum”. **Kennedy Atsutse, Ghana – Estágio no Museu Afro Brasil (SP)**

Diana Vargas destaca que pretende levar ao seu país uma exposição do MAE-USP:

“I gained unique hands-on experience through exchange with professionals and colleagues. And I made the first contact to bring an exhibition from MAE to the Gold Museum in my country next year. This will provide mutual benefit to both institutions”. **Diana Vargas Lopes, Colômbia – estágio no MAE-USP (SP)**

Audrey Maambo considerou o estágio no Museu de Zoologia e a experiência do Diálogo Sul-Sul de Museus muito válidos para repensar ações em seu local de trabalho. Sugere que numa outra oportunidade o estágio seja mais longo.

“The whole experience was an eye opener. My attachment was quite informative and was also an eye opener. I will draw a programme on how to proceed with my ‘knowledge-sharing’ plan at my Museum. I will talk about all that I have learnt but I will start with Preparedness kit. Why this? It is because at my museum we do not have an Emergency plan.

My experience at the Conference, South-South Dialogue and at Museu de Zoologia was nothing but the best. Being the first time for me to attend an ICOM international meeting, it was such a memorable and educative experience.

I would suggest that in the future, may ICOM consider making the internship period abit longer because from my experience, there was a lot to learn but time was a limitation.” **Audrey Maambo Bwanjelela, Zâmbia – Museu de Zoologia (SP)**



Audrey Maambo ficou muito impressionado com um fóssil de crocodilo bastante completo da coleção do Museu de Zoologia. (Foto: relatório de Audrey Maambo).

Eric Dorfman, que também esteve no Museu de Zoologia, destaca a troca de experiências com colegas da área e também para o Comitê Internacional de Museus de História Natural (NATHIST) do qual ele e a pesquisadora do Museu de Zoologia Isabel Landim fazem parte.

“There were many positive outcomes from this internship. Principle among them was working closely colleagues from another institution to see how things are done there, and to share our knowledge and experience from another part of the world. Additionally, this visit provided a very important opportunity to work with Dra. Isabel Landim, Vice President of ICOM NATHIST, enabling us to plan the detail of our work programme for the next three years.

I was also able to present the ICOM Code of Ethics for Natural History Museums in person to the General Assembly, which disseminated the success to all of ICOM. This important initiative was the result of six year’s work, and generally hailed as an important achievement for NATHIST in advancing the field of natural history museology.

I was also able to form a number of important professional contacts to enhance my own research, especially in the field of Egyptology”, Eric Dorfman, Nova Zelândia – Museu de Zoologia (SP)

Mesmo sem intenção de ser um estágio de formação técnica, alguns bolsistas relataram ganhos nesse sentido.

Todos os bolsistas aprenderam algo sobre os museus brasileiros e as atividades desenvolvidas por profissionais destes museus, suas metodologias, técnicas e soluções. Foi despertado o interesse pela continuação da colaboração e da construção de parcerias.

Finalizamos esta parte com um trecho de relatório que destacam a importância da experiência vivida em São Paulo para sua atuação como profissionais em seus locais de trabalho e na multiplicação do que foi vivenciado:

“Ces journées de formation, de débat et d’échanges d’expériences et d’idées, ont été très intenses et pleines de nouvelles données qui me serviront durant mes cours que je donnerai au niveau de l’université et que je partagerai avec mes étudiants d’archéologie et de muséologie. Tout en espérons que ces rencontres se renouvelleront afin de lier les deux contenant et d’unir leurs visions afin que nous puissions mieux conserver et mieux garder notre héritage culturel pour les générations à venir.

Merci, obrigado, thank you, gracias.

Malgré les distances qui séparent les deux continents et les différences des valeurs culturelles, sociales et religieuses nous partageons les mêmes problèmes muséologiques et nous avons le même but, celui de conserver notre héritage culturel, faisons en sorte que nous le réussissons ensemble.”. Hakim Bouakkache

Relato de uma Tutora de Estágio

Teresa Toledo de Paula, conservadora de tecidos do Museu Paulista, foi tutora de Nagnambzanga Théophile Nacoulma de Burkina Faso. Ela fez um relato da experiência respondendo a uma solicitação nossa:

O programa de atividades para o bolsista de Burkina Faso no Museu Paulista, tal como inicialmente planejado, precisou ser adaptado em virtude da situação emergencial do edifício decretada uma semana antes de sua chegada. Por razões de segurança, o edifício-monumento foi fechado e a entrada de todos - público e funcionários proibida por completo. A fim de não prejudicar as atividades do bolsista no Brasil e cumprir com o compromisso firmado com o ICOM-Brasil, decidiu-se por transferir as atividades com o bolsista para o Museu Republicano Convenção de Itu, na cidade de Itu, parte integrante do Museu Paulista.

O bolsista, um profissional experiente na área de conservação/restauração de esculturas e demais tipologias de acervos móveis, não trabalha atualmente em nenhum museu, desempenhando atividades de coordenação na área cultural de seu país. O bolsista, fluente em língua francesa, não compreendia bem o inglês e este sim foi um fator dificultador ao bom desenvolvimento das atividades de intercâmbio previstas. Assim mesmo, a disposição, simpatia e profissionalismo do bolsista fizeram com que os dias de convivência fossem cultural e profissionalmente enriquecedores.

De comum acordo decidimos que, após a viagem, o primeiro dia seria dedicado à visita técnica daquela instituição: diretora e equipe apresentaram o museu, suas áreas técnicas, missão e projetos principais. No dia seguinte combinamos que o bolsista faria uma apresentação sobre seu país e descreveria suas atividades principais para que a equipe local pudesse, também, integrar-se às atividades. O bolsista trouxe vídeos e imagens de seu país e, a partir da apresentação, teve início o intercâmbio de ideias e discussão entre a equipe.

Os momentos de lazer e passeios pela cidade (locais históricos, de interesse cultural e o comércio particular daquela cidade) completaram a boa integração que se seguiu como a sugerir que, muitas vezes, as conversas e atividades informais (*off work*) potencializam o intercâmbio de ideias e a formação das amizades.

Considero a experiência bastante positiva apesar das dificuldades de comunicação verificadas e, mesmo, da enorme diferença cultural que nos distancia: nossas realidades culturais, sociais e mesmo econômicas não devem ser subestimadas.

Por exemplo: (...) ficou evidente a dificuldade do bolsista em ter uma tutora mulher, era nítida a disposição do convidado em conversar apenas com os outros bolsistas, homens. Uma impressão geral foi a de que nós, que os recebemos, estávamos mais dispostos à integração do que eles, que nos visitaram, talvez uma resposta e uma postura mais política - frente ao encontro.

Acredito, contudo, que o único caminho para diminuir tais distâncias seja exatamente a convivência mais intensa com profissionais jovens e dispostos à troca de informações e aceitação de novas experiências.

Teresa Cristina Toledo de Paula

Apresentação dos Bolsistas após o Estágio

No dia 24 de agosto, sábado, os bolsistas e tutores foram convidados a apresentar o que foi realizado ao longo da semana, antes de partirem de volta aos seus países de origem.

A seguir apresentamos o relato deste encontro realizado por Maurício Cândido da Silva, membro da diretoria do ICOM Brasil e organizador do Diálogo Sul-Sul:

Relato da apresentação e entrega de relatório final

Local: Auditório do Museu da Língua Portuguesa

Data: 24 de agosto de 2013

Horário: das 9 às 14h

A apresentação e entrega do relatório final dos bolsistas estava prevista no plano de trabalho original do ICOM BR e teve como objetivo a coleta de informações para a avaliação do Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus e do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus. Ao todo vinte pessoas participaram dessa atividade, que contou também com tradução simultânea, apoio logístico e registro fotográfico. Sua organização pode ser dividida em cinco partes, sendo elas:

- Abertura dos trabalhos e apresentação dos organizadores do evento
- Apresentação e comentários dos tutores
- Apresentação e comentários dos bolsistas
- Encerramento da seção de relato e avaliação dos organizadores
- Visita técnica ao Museu da Língua Portuguesa

Os participantes dessa atividade podem ser divididos em três grupos, a saber:

- Organizadores do evento
 Carlos Roberto Ferreira Brandão (Presidente do Comitê Organizador da ICOM Rio 2013)
 Maria Ignez Mantovani Franco (Presidente do ICOM Brasil)
 Maurício Cândido da Silva (Organização do Diálogo Sul-Sul)
 Fernanda Assef (Secretária bolsistas)
 Rosângela Rigonato (Produção)
- Tutores
 Teresa Cristina Toledo de Paula (Museu Paulista USP)
 Ina Hergert (Museu Paulista USP)
 Tatiana Vasconcelos (Museu Paulista USP)
 Renato Baldin (Museu do Futebol)
 Karina Teixeira (Memorial da Resistência)
- Bolsistas
 Abdou Karim Fall
 Adoum Gariam Philippe
 Bwanjelela Audrey Maambo
 Diana Vargas Lopes
 Fred Nyambe
 Mamadou Coulibaly
 Mariana Adelina Pla
 Scarlet Rocio Galindo Monteagudo
 Vincent Phemelo Rapoo
 Wilbard Lema

Em função dos horários das passagens de retorno, alguns bolsistas não puderam participar dessa atividade, assim como em função de outros compromissos, alguns tutores também não puderam participar. Mas tanto os bolsistas quanto os tutores/instituições acolhedoras estavam representados em sua maior parte.

Em relação ao resultado, essa atividade foi muito reveladora quanto aos aspectos positivos tanto do Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus como do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus. Houve unanimidade por parte de todos os envolvidos (organizadores, tutores e bolsistas) quanto aos benefícios deste

projeto, sobretudo em relação aos objetivos pré-estabelecidos: criação de um *networking* entre profissionais de museus da América Latina e da África.

Cabe salientar alguns relatos de bolsistas, principalmente africanos, que destacaram o quão enriquecedora foi a experiência em estagiar e conhecer de perto a realidade dos museus paulistas. Foram ressaltados aspectos da organização das reservas técnicas (Museu de Arqueologia e Etnologia da USP), dos setores de conservação, exposição e ação educativa (Pinacoteca, Museu Afro Brasil e Museu do Futebol), das bases de dados e arquivos (Memorial da Resistência) e das coleções (Museu de Zoologia e Museu Paulista da USP). Todos os bolsistas agradeceram a oportunidade, o acolhimento e a receptividade dos profissionais (destaque para o diretor do Museu Afro Brasil), bem como a abertura das portas de todas as salas dos Museus e a atenção dada às suas questões pelos tutores, por todos os profissionais envolvidos e pela produção e organização deste projeto. Todos os participantes dessa reunião foram unânimes em relação à riqueza desse tipo de atividade para trocas de informações, expansão dos contatos e formação de uma rede de atividades para fortalecimento dos profissionais de museus africanos e sul-americanos.

Alguns relatos destacaram a importância do Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus, principalmente no que se refere ao tema do Plano de Emergência, pouco tratado na esfera dos museus destas duas amplas regiões.

A principal recomendação foi pela continuidade deste tipo de programa de bolsas para as próximas Conferências do ICOM, com maior tempo de duração, para melhor acompanhamento e conhecimento das rotinas de trabalho e de contato mais aprofundados com especialistas, pois três dias de estágio se mostraram pouco tempo. Foram mencionados dez dias e duas semanas de duração como tempo mais adequado.

Ao final da reunião, os organizadores do evento foram unânimes quanto aos objetivos alcançados por este programa. A visita técnica ao Museu da Língua Portuguesa encerrou de forma muito positiva este último dia de atividade.



Aspectos da apresentação do relatório dos bolsistas.



Aspectos da visita técnica ao Museu da Língua Portuguesa.

Maurício Cândido da Silva

Anexo 1

Lista de Países Participantes do Diálogo Sul-Sul

- | | |
|---------------------|--------------------------|
| 1. Argélia | 18. México |
| 2. Argentina | 19. Moçambique |
| 3. Barbados | 20. Nicarágua |
| 4. Brasil | 21. Nigéria |
| 5. Bolívia | 22. Nova Zelândia |
| 6. Botsuana | 23. Panamá |
| 7. Burkina Faso | 24. Paraguai |
| 8. Chile | 25. Peru |
| 9. Colômbia | 26. Portugal |
| 10. Costa do Marfim | 27. República Dominicana |
| 11. Costa Rica | 28. Senegal |
| 12. Cuba | 29. Tanzânia |
| 13. Equador | 30. Chade |
| 14. Ghana | 31. Uruguai |
| 15. Guatemala | 32. Venezuela |
| 16. Haiti | 33. Zâmbia |
| 17. Ilhas Maurício | |

Anexo 2

Lista de Participantes e Equipe Organizadora do ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus

Estagiários/Bolsistas

Abdou Karim Fall
Atsutse Kennedy
Brenda Janeth Porras Godoy
Deoraz Ram Racheya
Diana J. Vargas Lópes
Elizabeth Ogechukwuok Palanozie
Elsa Catarina Teixeira G. Rodrigues
Eric Jushua Dorfmann
Fred Nyambe
Hakim Bouakkache
Maambo Audrey Bwanjelela
Mamadou Coulibaly
Mariana Adelina Pla
Nagnambzanga Théophile Nacoulma
Philippe Adoum Gariam
Scarlet Rocio Galindo Monteagudo
Vicent Phemelo Rapoo
Wilbard Stanley Lema

Palestrantes / mediadores

Adriana Mortara Almeida
Alessandra Labate Rosso
Beatriz Espinoza
Carlos Roberto F. Brandão
Gabriela Aidar
George Abungu
Gina Barte Aranete
Hans Martin Hinz
Joana Monteiro
Johanna Pennock
Lothar Jordan
Luis Orlando Repetto Malaga
Lauran Vanessa Bonilla Steiger
Marcelo Araújo
Maria Ignez Franco Mantovani
Maria Izabel M. Reis B. Ribeiro

Maria de Lourdes Monges Y Santos
Marina Toledo
Maurício Cândido da Silva
Rebeca del Carmen Guerra Bolet
Rosaria Ono
Rudo Sithole
Denise Grinspum

Convidados

Abdoure Toure
Daniel C.R. Inoque
Elvira Pinzon
Juan Carlos Fernández Catalán
Lauran Vanessa Bonilla Steiger
Hilda Josefina Abreu de Utermohlen
Moraima Clavijo Colon
Oscar Centuriom
Petra Rotthoff
Samuel F. Franco Arce
Terry Simioti Nyambe

Participantes

Adilson Jose de Almeida
Adolfo Bañados
Andrea Falcão
Antonio Carlos Sartine
Caroline Grassi F. Menezes
Cristiane Vianna Baptista
Cristina Lara Corrêa
Danielle Amaro
Davidson Panis Kaseker
Débora Frolich Cortez
Fátima Gomes
Gabriela Conceição
Germain Tabor Andrade Silva
Gilberto Mariotti
Ina Hergert
Isadora Mellado
Karina Alves Teixeira
Karina Muniz Viana
Kátia Felipine
Kátia Galvão

Leonardo Assis
Lucienne Figueiredo
Luiz Fernando Mizukami
Margarete de Oliveira
Marcia Fernandes Lourenço
Márcia Sorrentino
Maria Christina Silva Costa
Maria de Fátima Faria Gomes
Maria Eugenia Leme
Marilia Zarattini
Martin Grosmann
Milene Chiovatto
Mirian Midori Peres Yagui
Paulo Vicelli
Rebeca del Carmen Guerra Bolet
Renata Vieira Motta
Renato Baldin
Rosângela Rigonato
Sandra Mara Salles
Solange Rocha da Silva
Tatiana Vasconcellos
Teodora Carneiro
Teresa Cristina Toledo de Paula
Thales Vargas Gayean
Yui de Freitas Soares

Coordenação e produção

Rosângela Rigonato

Coordenação de Estagiários

Fernanda Assef

Organização

Adriana Mortara Almeida
Maurício Cândido da Silva

Secretária

Lívia Biancalana

Anexo 3

Cláusulas Propostas pelo Grupo de Educação

O grupo de Educação propôs dois temas e ações principais:

1. Treinamento

- Escrever / compor um manual básico "Como planejar e desenvolver programas para museus visitantes". Este manual pode ser inspirado em materiais como as orientações AAM ou as "Melhores Práticas" propostos pela CECA-ICOM.
- Fazer um "Programa de Treinamento": realizar a formação de formadores em Paris, nos dias antes / depois da reunião anual, com a colaboração da CECA e ICTOP.

2. Treinamento de Patrimônio Digital

- Treinar profissionais de museus para serem capazes de construir um "Patrimônio Digital".
- Divulgar as coleções dos museus digitalmente.
- Estas ações devem ser principalmente por e para a América Latina, países africanos e outros membros do ICOM que não têm em seus países os recursos / cursos / profissionais para fazer essas atividades. "

Ficha Técnica do Relatório Final

Encontro ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus & Sistema de Bolsas para Jovens Profissionais de Museus

Redação

Adriana Mortara Almeida

Carlos Roberto Ferreira Brandão

Lívia Biancalana

Maurício Cândido da Silva

Fotos

© FotoPerigo

Agradecemos a todos da equipe do ICOM Brasil que auxiliaram direta ou indiretamente a realização do ICOM Diálogo Sul-Sul de Museus e Programa de Estágios em São Paulo.

Realização



Promoção

